



# **NOVA** COSTA e OIRO

Edição 50 \* 01 de Dezembro de 2020 \* Mensal \* Gratuita  
Director: Carlos Mesquita

**Caso único em Portugal:  
O Bairro SAAL 25 de Abril,  
na Meia-Praia, em Lagos**

# O Aranhaço Chinês

## Finlândia abre os armazéns secretos da Guerra Fria para enfrentar o coronavírus

O país nórdico recorre às reservas de emergência para crises, implantadas há décadas em caso de eventuais ameaças militares



HÁ UNS anos, depois de ter comprado, numa “loja de chineses”, um “aranhaço” para fixar um prato na parede, entrei numa outra — de ferragens —, onde o patrão, com a confiança que lhe davam os muitos anos de convivência comigo, olhou para o que eu levava na mão e quis saber onde é que o tinha adquirido. Depois, no seguimento da minha resposta, subiu a um pequeno escadote, puxou para si uma velha caixa de cartão, e, dando-se ares de prestidigitador, tirou de dentro dela um outro “aranhaço”, que em seguida colocou sobre o balcão, a par do meu, mostrando como eram quase irmãos gémeos, sendo o meu feito na China, e o dele em Portugal.

E estava a sair-se muito bem desse pequeno espectáculo até que eu coloquei a factura da compra do meu “aranhaço” ao lado da etiqueta com o preço (bem superior...) do seu. Portanto, se a ideia dele era condenar “quem dá dinheiro àqueles gajos”, o exemplo foi infeliz, pois não se pode exigir que os consumidores (de uma forma geral, entenda-se) comprem produtos mais caros sem nada que o justifique, nomeadamente em termos de qualidade.

CLARO que o problema era — e é... — sério, pois está relacionado com a sobrevivência, e o que esse amigo simbolizava era a luta desigual do pequeno comércio e da indústria nacionais ameaça-

dos pelas grandes empresas. Mas a sua limitada visão do mundo nunca lhe permitiria perceber que não é vendendo as mesmas coisas que os outros vendem (e ainda por cima mais caro) que o problema se resolve, por muita “proximidade & simpatia” que se ofereça aos clientes.

E fica aqui bem um parêntesis, para lembrar aos mais distraídos que o problema das compras ao estrangeiro vai muito para além dos chineses, pois todos conhecemos casos de organismos do Estado que importam produtos e equipamentos que bem podiam ser comprados em Portugal, dado que também por cá se fabricam — até de melhor qualidade, e por preços mais baixos —, procedimento lamentável, mas de que me dispensou de dar exemplos, não só porque só não os vê quem não quer, como também porque o espaço de que disponho é limitado.

A UMA escala maior, o que países como o nosso têm de fazer é produzir DIFERENTE e com QUALIDADE internacional, criando postos de trabalho e valor-acrescentado em níveis significativos — e, nos últimos anos, é o Turismo que aparece com destaque nessa frente de luta, valendo, num ano normal, 14% do nosso PIB, um valor que é bem superior, se apenas considerarmos o Algarve.

Mas o pior é quando não se vislumbra, nos responsáveis políticos, um visão de longo-prazo, como sucede (e difícil-

mente se arranjaría hoje melhor exemplo!) com o problema da ESCASSEZ DE ÁGUA no Algarve: no ano passado, não se falava de outra coisa, e muito bem; mas este ano, pelo menos até à data em que escrevo, tudo se passa como se o problema já estivesse resolvido ou em vias disso!

ORA, e como, hoje em dia, a PANDEMIA é assunto incontornável, não resisto a associar esse tema ao da INCAPACIDADE DE PREVISÃO dos governos, tendo escolhido, para documentar — por contraste — uma imagem que mostra um gigantesco armazém secreto (de entre os muitos que os “frugais” finlandeses mantêm desde os tempos da Guerra-Fria), com tudo o que é básico para enfrentar uma emergência.

Sim, àqueles “forretas” não falta nada, talvez porque, em vez de atirarem milhares de milhões para cima de empresas e bancos duvidosos, os gastam em máscaras, luvas, batas, material médico, medicamentos, geradores eléctricos, combustível, alimentos, etc. — uma atitude bem simétrica dos que apenas alternam lamentos de Calimero com palavreado ao nível da chinela — como “sovina” e “repugnante” —, protagonizando uma bizarra variante da fábula da cigarra e da formiga, pois tem a originalidade de pôr esta a invectivar aquela.

**Carlos Medina Ribeiro**

**Página 02 - A Perspectiva de...****O aranhão chinês**Por **Carlos Medina Ribeiro****Páginas 04 e 05 - Postais de Lagos****Imagens que valem mais do que 1000 palavras****Páginas 08 a 17 - Tema de Capa / Grande Reportagem****Caso único em Portugal:****O Bairro SAAL 25 de Abril, na Meia-Praia, em Lagos****Páginas 18 e 19 - Tema de Capa / Grande Reportagem****Na Bienal de Veneza - Caso único em Portugal:****O Bairro SAAL 25 de Abril, na Meia-Praia, em Lagos****Páginas 22 a 25 - Gente das Nossa Terra/Lacobrigenses****10 de Outubro de 1826:****A tentativa Realista de sublevação militar em Lagos**por **Artur de Jesus****Páginas 26 e 27 - Ruas da Nossa Terra****A Rua da Barroca****Páginas 30 e 31 - No Calendário: 25 de Dezembro****Memórias de Natal**por **Artur de Jesus****Página 34 - Clube das Comisquices****Pelo Natal? Lula, galo e porco**Por **Epicuro****Página 35 - Aos Pais - 5 Mitos da amamentação**Por **Ana Custódio****Página 36 - Ficção - O Cantinho do Poder****O acampamento ilegal, o balão do Pablito Moral e o barão Pedrito Moreira****Página 41 - Músicas - Damos-lhe música no SPOTIFY - A playlist da****Nova Costa de Oiro de Dezembro de 2020****Páginas 38 e 39 - O Imprevisto aconteceu e...****A máquina de projectar****...O imprevisto aconteceu... quando a vela de cera tombou, o rolo de filme se inflamou e...**Por **José Francisco Rosa****NOVA COSTA de OIRO****Ficha Técnica:****Director e Editor:** Carlos Mesquita**Colaboradores nesta edição:** Ana Custódio, Artur de Jesus, Carlos Conceição, Carlos Medina Ribeiro, Cristina Taquelim, Hugo Palma, Mário M. Silva, Miguel Silva, José Francisco Rosa, José Manuel Freire e José Veloso.**Proprietário:** JL, Unipessoal, Lda/Carlos Conceição**Administração:** Rua Dr. José Tello Queiróz, lote 14 . 1º E - 8600-707 - Lagos**Sede Social, Redacção e Editor:**

Rua D. Xavier, nº 6 – 8600-754 Lagos - Telefone: 00 351 96 705 91 06

**Capital Social da Empresa Proprietária:**

JL. Unipessoal, Lda/Carlos Conceição com 100% do capital social

Na Internet em: <http://www.novacostadeoiro.com>Correio electrónico: [costa.oiro@gmail.com](mailto:costa.oiro@gmail.com)**Lições de vida, em final de ano**

Já faltam poucos dias para chegar ao fim este atípico ano de 2020.

Há 102 anos que a Humanidade não era confrontada com uma epidemia tão grave como a que vivemos agora. Mas é com esperança num futuro melhor que nos encaminhamos a passos largos para o Ano Novo. E é por esta altura que costumamos fazer «balanços» e tomar decisões para o futuro, algumas que raramente viremos a cumprir.

Serão muitas as lições que poderemos retirar do que se passou neste ano. Vimos de tudo um pouco, das atitudes mais altruístas até às mais egoístas. Vimos histórias de sucesso e de superação. Mas, também, estamos conscientes que o futuro poderá ser difícil para uma larga maioria dos nossos concidadãos. Temo que neste processo se perca mais uma vez a oportunidade de se repensar a estratégia de dependência económico-financeira de um único sector de actividade económica, como é o caso do turismo .

Tive a minha primeira lição política em 27 de Abril de 1974, quando o meu pai me levou a conhecer as condições infra-humanas em que viviam muitos lacobrigenses, nas barracas da Meia-Praia. Nesta edição, recordamos a sua história e a sua luta pelo direito à habitação, consagrado na Constituição Portuguesa.

Tínhamos planeado ir ao local, filmar e fotografar no sítio, o que se veio a revelar impossível de concretizar, dada a COVID 19. Por isso, fomos obrigados a recorrer a textos de José Manuel Freire e José Veloso para dar a conhecer um caso único em Portugal e que é o do Bairro SAAL 25 de Abril, na Meia-Praia, em Lagos.

E o futuro? Certamente que este nos trará outras e variadas lições. Se as iremos aprender e perceber ou não...

**Carlos Mesquita**

**Na «Nova Costa de Oiro» não se utiliza a Reforma Ortográfica de 1990-2008, indevidamente chamada «Acordo Ortográfico».**

# Postais de Lagos

## Imagens que valem mais do que 1000 palavras

### Já foste! E venha betão!

Esta imagem foi captada em Lagos, em finais de Setembro de 2019.

A chaminé, com ninho de cegonha (demolida em Novembro), encontrava-se onde tinha existido a fábrica de conserva do Algarve Exportador.

Após a sua demolição, a intenção de vir a ser edificado um complexo habitacional neste local é conhecida há anos, mesmo que este venha a ter lugar em zona alagadiça, decisão que poderá vir a ser pouco sensata para qualquer comprador.

Mas, se há habitações lacustres desde a pré-história, por que é que em Lagos não se poderão seguir esses exemplos e continuar a betonizar todo e qualquer local betonizável? Sim porquê?



### E fazer obras, não?

Nesta fotografia estão à vista duas das quatro fachadas do edifício do Tribunal de Lagos.

Como se já não bastasse que no edifício (que é, supostamente, a «Casa da Justiça») não se cumpria a legislação no que diz respeito à acessibilidade das pessoas com mobilidade condicionada ao primeiro andar, constata-se, ainda, que estas fachadas estão a necessitar de obras de manutenção. Poderá dizer-se que perante tantos e graves problemas na (in)Justiça portuguesa, reparar e pintar estas paredes não é importante.

Ou será que quem «manda» no Ministério da Justiça anda a dormir? E, se sim, porquê?

### Abandono e desleixo

Esta é uma imagem do Parque Dr. Júdice Cabral (mais conhecido por «Largo das Freiras»), em Lagos.

Ao fundo, vê-se a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, que foi recuperada com o dinheiro de uma «derrama» sobre o lucro das empresas do concelho, mas que se encontra quase sempre encerrada ao público (mesmo antes da COVID 19).

Em primeiro plano, vê-se um tanque, que deveria servir para embelezar o local. Este, não só não tem água, como também está no estado de degradação e de abandono que a fotografia mostra.

E alguém sabe dizer ou explicar porquê?



# Postais de Lagos

## Imagens que valem mais do que 1000 palavras



### O que nasce torto...

Esta imagem circulou num grupo local lacobrigense da rede social Facebook. Mostra o Jardim da Constituição, alagado após chuva intensa e depois das obras efectuadas (supostamente de requalificação), que tiveram neste local.

Contra a vontade da população, dos avisos deixados em audição pública realizada no Centro Cultural de Lagos para que situações como esta poderiam ocorrer e que esta obra seria um enorme erro, certo é que foi concretizada.

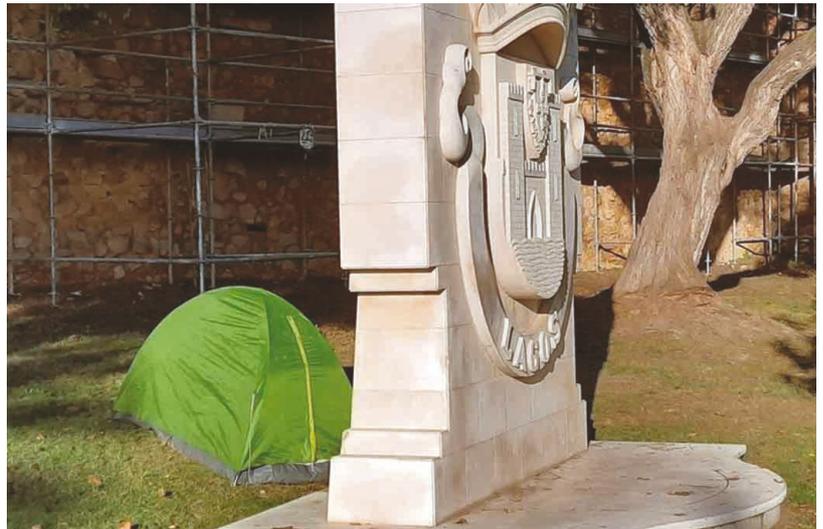
E o resultado? Este está à vista de todos e não poderia dar mais razão a quem se manifestou contra esta obra mal obrada. Afinal, o que nasce torto, tarde ou nunca se endireita. E porquê?

### Vale tudo, em Lagos? (I)

Nesta imagem, que circulou recentemente num grupo de Lagos da rede social Facebook, pode ver-se uma tenda instalada em pleno Jardim da Constituição, abrigada do vento pelo braço da cidade.

Não sendo este local um parque de campismo legalizado e considerando que o «campismo selvagem» não é autorizado em Portugal, certo é que as autoridades locais não intervieram aqui.

Por último: a indigência e a alienação mental não poderão servir de desculpa para que as autoridades se abstenham de agir. E não o fazem porquê?



### Vale tudo em Lagos? (II)

Esta é uma imagem que foi partilhada há pouco tempo num grupo de Lagos da rede social Facebook. Nela vê-se uma cama estendida numa das árvores que estão no Jardim da Constituição.

Como estamos em crer que «quem de direito» parece andar distraído, repetimos este texto: «Não sendo este local um parque de campismo legalizado e considerando que o «campismo selvagem» não é autorizado em Portugal, certo é que as autoridades locais não intervieram aqui.

A indigência e a alienação mental não poderão servir de desculpa para que as autoridades se abstenham de agir. E não o fazem porquê?

# Correio

# Lagos

PUBLICIDADE

## Números

Contabilidade & Gestão, Lda

Rua D. Diogo de Sousa, Lote 21 - C/V Esq° 8600-571 LAGOS

Telef. 282770190 Fax 282770199  
e-mail: nnumeroscontabilidade@gmail.com

Contabilidade, Geral e Analítica | Gestão de Imobilizado | Estudos Económicos | Salários e Gestão de Pessoal | Consultoria Fiscal | Apoio à elaboração de Declarações Fiscais Pessoais - IRS

PUBLICIDADE

## Lagotec

Informática

Assistência Técnica  
Hardware  
Software  
Redes Informáticas  
Webdesign

Urb. Marina 501  
Rua Dr. José Francisco Tello Queirós  
Lote 3 - Loja B - 8600-707 Lagos  
Tel. 282 788 504 | Tlm. 284 650 100  
e-mail: geral@lagotec.pt | www.lagotec.pt

### Jornal das Terras do Infante

Director Carlos Conceição - Ano XXX - MENSAL - Edição 361 NOVEMBRO 2020 - p.v.p. 1,00€

pgs. 24, 25 e 26  
**"As pessoas às vezes metem-se em risco"**



**Comandante do Porto de Lagos Pedro Fernandes da Palma**



pgs. 10, 11 e 12  
**Junta de Freguesia de Odeixe Carlos Vieira**

pgs. 16, 17 e 18  
**Especial Lagos**  
**Festas do Município marcadas pela entrega de viaturas a entidades e discursos de Hugo Pereira e Paulo Morgado**

pgs. 26 e 27  
Ciclo de entrevistas aos deputados algarvios na Assembleia da República



**Maria Joaquina Matos**  
A primeira mulher lacobrigense no Parlamento  
**"O Algarve não fica para trás!"**  
"A região tem sido e continua a ser das menos atingidas pela COVID-19"

pgs. 38, 39 e 40  
**"O mar foi a minha inspiração"**



**Diamantino Ferreira**  
Coronel do Exército, lança livro "Amor e Sedução"

**Correio Desportivo**  
pgs. 29 e 30  
**Cada KM Um Sorriso**  
**Ténis de Mesa**  
**Esperança de Lagos**  
**Roller Lagos**



pgs. 34 e 35  
**Joana Schenker**  
Hepta Campeã Nacional de Bodyboard

pgs. 4 e 5  
**COVID-19:**  
**Lagos e Vila do Bispo**  
entre os concelhos algarvios de alto risco  
Revolta da população, comerciantes e reacções de Autarcas

PUBLICIDADE

**PRETENDE VENDER OU ARRENDAR O SEU IMÓVEL?**

282 087 152  
www.mimosaproperties.com

**VENDA  
COMPRA  
ARRENDAMENTO  
MANUTENÇÃO  
LIMPEZA**

PUBLICIDADE

# Lagotec

## Informática

Assistência Técnica  
Hardware  
Software  
Redes Informáticas  
Webdesign

Urb. Marina Sol  
Rua Dr. José Francisco Tello Queiróz  
Lote 3 - Loja B - 8600-707 Lagos  
Tel. 282 788 504 | Tlm. 914 650 100  
e-mail: geral@lagotec.pt | www.lagotec.pt



# FISIOTERAPIA

*Jose M. Marques*  
Fisioterapeuta

Horário::Segunda a Sexta::8h00 às 13h00::14h30 às 20h00

**Rua Brigadeiro Costa Franco (AMEIJEIRA) Lote 5, Loja B**  
**Telef. 282 761 241 Fax 282 789461 LAGOS**

**NOVA COSTA OIRO** Nova Costa de Oiro

Início ▾ Destaques ▾ Olhares ▾ & Etc ▾ Sobre Nós ▾ Arquivo PDF

Editorial Ler PDF Ler no ISSUU

**NOVA COSTA OIRO**  
Biblioteca do Conselho Municipal de Juventude  
Director: Carlos Vasques

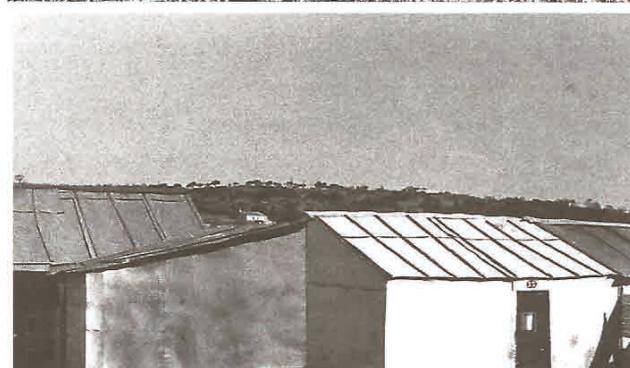
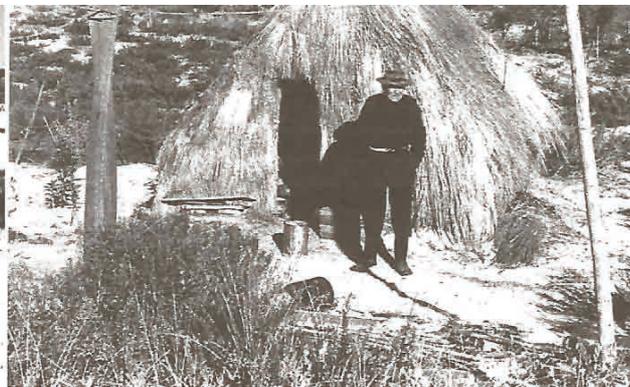
Compart. página  
Compart. Facebook  
Compart. Twitter

**A Nova Costa de Oiro em todas as plataformas digitais aqui:**

<https://www.novacostadeoiro.com>

# Caso único em Portugal:

## O Bairro SAAL 25 de Abril, na Meia-Praia, em Lagos



*As barracas existentes, antes da construção do Bairro SAAL 25 de Abril, na Meia-Praia*

**«Aldeia da Meia-Praia  
Ali mesmo ao pé de Lagos  
Vou fazer-te uma cantiga  
Da melhor que sei e faço»**

É este verso da canção de José Afonso que abre o filme / documentário «Continuar a Viver ou os Índios da Meia-Praia», de António da Cunha Telles, cuja estreia decorreu em 25 de Abril de 1977, no Cinema Império, completamente esgotado, em Lagos.

Esta obra cinematográfica mostra o longo e complexo caminho na edificação do Bairro 25 de Abril, na Meia-Praia, em Lagos, através do Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL), no âmbito do Fundo de Fomento da Habitação (FFH). Desde as barracas sem quaisquer condições de salubridade para os seus habitantes, aqui se vê como foram superados inúmeros obstáculos burocráticos e várias contingências financeiras, até à concretização do sonho legítimo de qualquer pessoa, que é o inalienável «direito à habitação».



*As barracas existentes e o início da construção do Bairro, na Meia-Praia*

Era nas dunas da Meia-Praia, em barracas precárias como as que mostramos nesta reportagem, que vivia uma comunidade piscatória, oriunda do sotavento algarvio, mais concretamente vinda de Monte Gordo (freguesia de Vila Real de Santo António) e aí apelidados de «*cuícos*» (peça de roupa que usavam):

**«De Monte Gordo vieram  
Alguns por seu próprio pé  
Um chegou de bicicleta  
Outro foi de marcha a ré»**, assim escreveu José Afonso sobre estes residentes, na música já citada.

«Ao comprido da costa, o comboio que vem para Lagos passa entre os ou-

## Grande Reportagem

# Caso único em Portugal:

## O Bairro SAAL 25 de Abril, na Meia-Praia, em Lagos



© António da Cunha Telles

Fotograma do filme «Continuar a Viver ou os Índios da Meia-Praia, de António da Cunha Telles

teiros arborizados e o extenso areal. De um lado, meio escondido nas árvores, o hotel. No outro, para cá da linha férrea, o forte e a aldeiazinha de cabanas sobre a duna.

Um estabelecimento misto numa delas. Mercearia e taberna. Pelo chão, caixotes e sacas, quatro bancos. Junto da abertura que dá para o resto das divisórias, uma mulher acocorada sobre um assento baixo e sem costas. Ao balcão, o homem avia os copos e domina a conversa ao som de uma telefonia, que se ouve lá fora.

— Viemos de Monte Gordo, pois — diz ele.

— São os cuícos, hem!

— São. Sentem-se orgulhosos. Venceram. [...]

— E quando aqui chegámos, calhou a gente escolher este sítio, que era um deserto de areia. Hoje, temos a nossa aldeiazinha. E sabe quantos somos ao todos? Cento e setenta e oito habitantes!

[...] Lembro os cuícos na travessia de



© António da Cunha Telles

Fotograma do filme «Continuar a Viver ou os Índios da Meia-Praia»

quase todo o Algarve. Presos aqui e além, desde Monte Gordo até Lagos, postos fora das cidades, das vilas, das aldeias, afastados de toda a parte, porque procuravam o trabalho, a casa e a mesa. Sei agora que o conseguiram. Sei que venceram lutando contra todos. Que construíram cabanas, fizeram uma aldeia, têm

uma loja, onde compram o que podem. E deste areal, que eles conquistaram, lançam-se ao mar, a sua grande lavoura, onde charruam o pão com as quilhas dos barcos». (Manuel da Fonseca, Lagos a Cidade, as Praias, os Cuícos).

Antes da Revolução de 25 de Abril de 1974, Portugal era um país muito dife-

# Caso único em Portugal:

## O Bairro SAAL 25 de Abril, na Meia-Praia, em Lagos



© António da Cunha Telles

Fotograma do filme «Continuar a Viver ou os Índios da Meia-Praia, de António da Cunha Telles

rente do actual:

Na Saúde, em 1970 havia 94 médicos por cem mil habitantes; em 2012 eram 417.

Na Educação, em 1970, 25,7% da população era analfabeta; em 2011 a taxa de analfabetismo era de 5,2%.

Na Habitação, 74.603 portugueses viviam em barracas, em 1981, desconhecendo-se quantos seriam em 1971, uma vez que os Censos não registavam esse indicador. Sabe-se, contudo, que na década de 70 do século XX, esse número era muito superior ao registado em 1981.

Com a Revolução de 25 de Abril de 1974, direitos que até então tinham sido negados aos cidadãos portugueses passaram a ser reconhecidos. Entre outros, destaca-se o direito à habitação e à participação na sua concretização, conforme o artigo 65º da Constituição da República Portuguesa (Habitação e urbanismo):

1. Todos têm direito, para si e para a sua família, a uma habitação de dimensão adequada, em condições de higiene

e conforto e que preserve a intimidade pessoal e a privacidade familiar.

2. Para assegurar o direito à habitação, incumbe ao Estado:

a) Programar e executar uma política de habitação inserida em planos de ordenamento geral do território e apoiada em planos de urbanização que garantam a existência de uma rede adequada de transportes e de equipamento social;

b) Promover, em colaboração com as regiões autónomas e com as autarquias locais, a construção de habitações económicas e sociais;

c) Estimular a construção privada, com subordinação ao interesse geral, e o acesso à habitação própria ou arrendada;

d) Incentivar e apoiar as iniciativas das comunidades locais e das populações, tendentes a resolver os respetivos problemas habitacionais e a fomentar a criação de cooperativas de habitação e a autoconstrução.

3. O Estado adoptará uma política

tendente a estabelecer um sistema de renda compatível com o rendimento familiar e de acesso à habitação própria.

4. O Estado, as regiões autónomas e as autarquias locais definem as regras de ocupação, uso e transformação dos solos urbanos, designadamente através de instrumentos de planeamento, no quadro das leis respeitantes ao ordenamento do território e ao urbanismo, e procedem às expropriações dos solos que se revelem necessárias à satisfação de fins de utilidade pública urbanística.

5. É garantida a participação dos interessados na elaboração dos instrumentos de planeamento urbanístico e de quaisquer outros instrumentos de planeamento físico do território.

Em 06 Agosto de 1974, ou seja, 21 meses antes de a Constituição da República Portuguesa consagrar o «direito à habitação», foi publicado «no Diário do Governo I série-n.º 182, o Despacho do Ministério da Administração Interna, MAI e do Ministério do Equipamento Social e

## Grande Reportagem

# Caso único em Portugal:

## O Bairro SAAL 25 de Abril, na Meia-Praia, em Lagos



© António da Cunha Telles

*Fotograma do filme «Continuar a Viver ou os Índios da Meia-Praia, de António da Cunha Telles*

Ambiente (MESA). Despacho este que instituiu o Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL) no âmbito do Fundo de Fomento da Habitação (FFH).

O Despacho referia que este Serviço se destinava, expressamente, a «(...) apoiar, através das Câmaras Municipais, as iniciativas de populações mal alojadas no sentido de colaborarem na transformação dos próprios bairros (...)» e também «(...) devem os trabalhos de infraestrutura viária e sanitária, que constituem a base essencial das operações ser custeados pela autarquia local, bem como a disponibilidade de terrenos para a urbanização (...)».

Igualmente se esclarecia, «Recorde-se que a principal justificação desta política está na apropriação de locais valiosos pelas camadas populares neles radicadas sob forma marginal». Determinava ainda que, «(...) o FFH, através do SAAL, estabelecerá os acordos necessários com as Câmaras que o solicitem para o fornecimento dos projectistas,

monitores e fiscais técnicos exigidos pelas operações.»

Com o apoio de equipas técnicas SAAL que se criaram para este efeito, contratadas pelo FFH, organizaram-se associações de moradores por todo o País. Elaboraram e aprovaram os respectivos estatutos e legalizaram-se por escrituras públicas, com publicação em Diário da República.

Foi assim dado início aos projectos e às obras de construção de milhares de habitações em centenas de bairros. Cumpria-se um dos principais objectivos com que o 25 de Abril respondia à democratização da sociedade portuguesa, respondendo a um dos maiores problemas nacionais – a carência de habitação», lê-se em texto de José Manuel Freire e de José Veloso, publicado na Revista Poder Local nº 153, de 2015, aqui transcrito com a autorização dos seus autores.

Em Lagos, a equipa técnica do SAAL, foi responsável pela edificação de 16 fogos, na Praia da Luz, com a a Associa-

ção de Moradores 11 de Março, de 31 habitações em Espiche, com a Associação de Moradores Liberdade, de 21 em Bensafim, com a Associação de Moradores Zona Verde, de 108 fogos, com a Associação de Moradores 28 de Setembro, 18 na Duna (Meia-Praia), com a Associação de Moradores 1.º de Maio e de 41 habitações, com Associação de Moradores 25 de Abril, no Apeadeiro, Meia Praia.

Recorda-se que a equipa técnica era constituída por José Veloso, arquitecto, José Brito Costa, engenheiro, Pedro Vieira, engenheiro, Luis Abreu, arquitecto, David Oliveira, engenheiro técnico, José Rijo, arquitecto estagiário, Saldanha da Gama, topógrafo, Artur Sequeira, desenhador, José Gonçalves, desenhador, João Costa, desenhador, Carlos Grade, desenhador, Carlos Torres, desenhador, António Oliveira, desenhador.

A equipa administrativa e de serviço social integrava Dulce Costa, Zélia Correia,

# Caso único em Portugal:

## O Bairro SAAL 25 de Abril, na Meia-Praia, em Lagos



© António da Cunha Telles

*«Eram mulheres e crianças [Cada um c'o seu tijolo [Isto aqui era uma orquestra [Quem diz o contrário é tolo»*

Luís Rosado, Luísa Veloso e Leonarda Guerreiro.

Em 2020, todas as habitações edificadas em Portugal no âmbito do SAAL (excepto uma) estão legalizadas. E esta é a do Bairro SAAL 25 de Abril, na Meia-Praia, em Lagos, caso único e, de certa forma, inexplicável no nosso país.

Na verdade, «nos restantes bairros das Associações de Moradores do Concelho de Lagos, a Câmara Municipal já procedeu à cedência de terrenos, legalizou as habitações e executou devidamente as infra-estruturas urbanas na cidade de Lagos e em Luz, Espiche e Ben-safrim», lê-se na revista Poder Local. Então, qual a razão para que a Associação de Moradores 25 de Abril, no Apeadeiro, Meia Praia, constituída por escritura pública lavrada no Cartório Notarial de Lagos em 7 de Janeiro de 1975, ser o único por legalizar, em Portugal?

Lê-se no jornal «Avante!», na Edição Nº1995 de 23-2-2012 que «Um grupo capitalista, que ostenta ligações ao po-

der político, age impunemente na Meia Praia. Contra a destruição do Bairro 25 de Abril, os moradores têm hoje a mesma união que há mais de 30 anos lhes garantiu o direito a viver em casas dignas». Acrescenta esse órgão de comunicação social que «No final de Novembro, em resposta ao deputado do PCP eleito pelo Algarve, a ministra Assunção Cristas colocou-se ao lado dos interessados em expulsar da Meia Praia as famílias de pescadores que habitam no Bairro 25 de Abril. Paulo Sá questionara o Governo sobre a falta de obras de requalificação (em particular, o não asfaltamento das ruas) e o corte de um caminho centenário (a deixar cerca de um terço da bela baía para uso exclusivo do Palmares Golf Resort, um empreendimento turístico de luxo).

O Governo evocou o Plano de Urbanização da Meia Praia, de 2007, e deu assim toda a cobertura à posição da Câmara Municipal de Lagos, a quem aquele PUMP foi oferecido... pela empresa

Palmares. Ali se escreveu que «a área actualmente ocupada pelo Bairro SAAL – 25 de Abril, será renaturalizada, após realojamento da população residente».

A governante também invocou a Rede Ecológica Nacional, para explicar o impedimento ao asfaltamento das ruas. Mas não fez qualquer referência aos diplomas que determinam a utilidade pública dos terrenos, dão total legitimidade e legalidade à construção do bairro e atribuem à Câmara Municipal a responsabilidade das infraestruturas».

Recorda ainda esse jornal que «Em 1975 implantou-se um campo de golfe na Quinta de Palmares, até aí a maior propriedade agrícola da Meia Praia. Em 2006, a empresa foi comprada pela Onyria, de José Carlos Pinto Coelho [...].

A 11 e 12 de Junho de 2011, a Onyria abriu o Palmares Golf, primeira parte de mais um dos mal afamados PIN (Projectos de Interesse Nacional) de Pinho e Sócrates, e aponta a próxima inauguração para o Verão de 2013 – um hotel de

## Grande Reportagem

# Caso único em Portugal:

## O Bairro SAAL 25 de Abril, na Meia-Praia, em Lagos



© António da Cunha Telles

*«Eram mulheres e crianças [Cada um c'o seu tijolo] [Isto aqui era uma orquestra] [Quem diz o contrário é tolo]»*

cinco estrelas».

Dada a complexidade deste intrincado processo, recorreremos novamente ao texto da autoria de José Manuel Freire e de José Veloso, para tentar explicá-lo: «A Assembleia Municipal manteve o interesse pelo SAAL, como, em 26 de Junho de 1981, ao aprovar a Recomendação à Câmara Municipal «...que apresente à próxima reunião desta Assembleia o pedido para autorização de concessão do direito de superfície sobre os terrenos utilizados pelas Associações de Moradores do Concelho que ainda não o tenham, assumindo o compromisso de lavrar as respectivas escrituras públicas no mais breve espaço de tempo, se possível antes do final do corrente ano...».

A realidade é que as sucessivas Câmaras Municipais de Lagos, desde 1978 até hoje, não só não legalizaram os bairros SAAL da Meia Praia, como os abandonaram. As infraestruturas que instalaram são as mais rudimentares e improvisadas, sem qualidade e até com aspec-

tos não regulamentares. Permitiram, incentivaram e apoiaram a execução de obras de ampliação das habitações para o exterior dos respectivos lotes e a construção de novos edifícios na área dos bairros, sem projecto, sem responsabilidade técnica, sem fiscalização pelos serviços camarários ou de outras entidades.

O inevitável efeito, foi a actual imagem de clandestinidade que apresenta o bairro dos índios da Meia Praia e que só não é de degradação pela iniciativa, esforço e trabalho dos moradores na manutenção das suas habitações. Na tentativa de compensar os efeitos do abandono e falta de cumprimento pela Câmara Municipal das suas obrigações legais, que resulta em deficiente qualidade de vida e permanente receio do futuro. Também os moradores têm improvisado obras para que alguns, poucos, arruamentos fossem minimamente transitáveis, nomeadamente sem as poças de água no inverno.

Enquanto isto, a Finangeste-Empre-

sa Financeira de Gestão e Desenvolvimento, SARL, em 19 de Setembro de 1997 enviou carta à Câmara Municipal de Lagos, «...propondo o desenvolvimento, a suas expensas, de um Plano de Pormenor para os terrenos de sua propriedade, na zona da Meia Praia.». Em resposta, a Câmara Municipal «...de liberou dar a sua concordância à proposta da firma, desde que o Plano de Pormenor seja incluído num Plano Municipal de Ordenamento do Território de hierarquia superior para toda a UOPG-Unidade Operativa de Planeamento e Gestão da Meia Praia, a mandar elaborar pela firma.» (acta da reunião da Câmara de 12 de Novembro de 1997). De seguida, a empresa contratou o gabinete Oficina de Arquitectura, OA, que executou o Plano de Urbanização da Meia Praia, PUMP.

Os terrenos de propriedade da empresa, que, entretanto, passou a ser Palmares-Companhia de Empreendimentos Turísticos de Lagos. S.A., incluem o campo de golf contíguo ao bairro dos índios

# Caso único em Portugal:

## O Bairro SAAL 25 de Abril, na Meia-Praia, em Lagos



© António da Cunha Telles

*A construção - Fotograma do filme «Continuar a Viver ou os Índios da Meia-Praia, de António da Cunha Telles*

da Meia Praia. O PUMP indica que os terrenos da Palmares ocupam parte das casas e terrenos do bairro e determina no art.º 36.º do seu Regulamento que «A área actualmente ocupada pelo bairro SAAL-25 de Abril será renaturalizada ...».

O PUMP foi aprovado na Câmara Municipal e na Assembleia Municipal de Lagos em 10 de Maio de 2007 e 11 de Junho de 2007, respectivamente. Em 28 de Agosto de 2007, foi publicado no Diário da República n.º 165, I Série, a Resolução do Conselho de Ministro n.º 125/2007 que «...ratifica o Plano de Urbanização da Meia Praia e o respectivo Regulamento.».

Embora aprovado, o PUMP não considerou nem teve em atenção, na sua elaboração, questões fundamentais da Meia Praia, sejam de natureza legal, sejam de reflexo do carácter democrático da sociedade portuguesa, como é o caso das considerações e decisões que contém ignorando os direitos legais constituídos das Associações e bairros



© António da Cunha Telles

*A construção - Fotograma do filme de António da Cunha Telles*

SAAL e seus moradores.

De facto, o Regulamento do PUMP, em desrespeito pelas disposições legais atrás referidas, não inclui no TÍTULO III, Servidões e restrições de utilidade pública, art.º 7.º (identificação), a Declaração de Utilidade Pública emitida sobre os terrenos da Associação de Moradores 25

de Abril, no Apeadeiro.

As legítimas expectativas criadas aos associados da Associação de Moradores 25 de Abril e não respeitadas no PUMP, haviam sido reconhecidas por diversas vezes, ao longo dos últimos 40 anos, em sucessivas tomadas de posição públicas e actos dos diferentes Presidentes da

## Grande Reportagem

# Caso único em Portugal:

## O Bairro SAAL 25 de Abril, na Meia-Praia, em Lagos



© Mário M. Silva

*O Bairro SAAL 25 de Abril, na Meia-Praia, em Lagos (Novembro de 2020)*

Câmara Municipal de Lagos, embora sem terem depois quaisquer consequências práticas. Refiram-se duas dessas posições: na acta da reunião de Câmara publicada no jornal «Barlavento» de 20 de Abril de 1978, consta a informação do presidente da Câmara: «vai ser construído o Centro Comunitário do bairro»;

a Câmara Municipal de Lagos, por ofício n.º 9006, de 03 de Julho de 1990, solicitou a intervenção do Ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, no sentido de dar solução à desafectação da área do Domínio Público Marítimo onde se acha construído o bairro da Associação de Moradores 25 de Abril, Apeadeiro.

Sobre este assunto, a Direcção Geral de Marinha, em resposta ao ofício n.º 4717/90 de 06 de Abril de 1990, da Câmara Municipal de Lagos, enviou o ofício n.º 513, de 24 de Abril de 1990, com parecer emitido, de que se destaca: «Art.º 1.º- Os terrenos do Domínio Público sob a administração da Direcção-Ge-



© Mário M. Silva

*O Bairro SAAL 25 de Abril, na Meia-Praia, em Lagos (Novembro de 2020)*

ral dos Serviços Hidráulicos podem ser desafectados quando se considerem prevalentes em relação ao uso público a que estão destinados, outros fins de interesse geral para que os terrenos sejam e para cuja conveniente satisfação seja inadequado o regime de dominialidade.».

A Câmara Municipal não deu qualquer seguimento a estas diligências e abandonou o assunto. O terreno do bairro continuou, até hoje, na situação de pertença ao Domínio Público Marítimo.

Já após a entrada em vigor do PUMP, os moradores do bairro 25 de Abril, manifestaram por diversas vezes em órgãos

# Caso único em Portugal:

## O Bairro SAAL 25 de Abril, na Meia-Praia, em Lagos

de comunicação social, a sua indisponibilidade para realojamento noutras habitações no Concelho, condição essencial prevista no n.º 1, do Art.º 36.º do Regulamento do PUMP para a renaturalização da área de implantação do Bairro.

São bastante exemplo as declarações do presidente da Associação de Moradores 25 de Abril, José Bartolomeu, na grande entrevista concedida ao Correio de Lagos nº.237, de Abril.2009: «As pessoas do bairro não querem sair daqui... o objectivo da Associação de Moradores do bairro 25 de Abril, na Meia Praia, é manter o bairro... a primeira coisa a fazer é requalificar o bairro com o arranjo das suas casas, com arruamentos novos, com parques, plantação de árvores e jardins... quando se fala na requalificação do bairro, o presidente da Câmara põe sempre um pé atrás... 80% das pessoas do bairro ainda vivem da pesca... esta vida do mar é uma vida linda...».

Concluem os autores que «Perante estes factos, em relação à Associação de Moradores 25 de Abril, Apeadeiro, fica irrefutavelmente provado: que a Associação e os associados cumpriram todos os requisitos legais e regulamentares para a integração no programa SAAL do FFH; que a Associação e os associados satisfizeram, em devido tempo, todos os encargos e compromissos que assumiram; que, desde 1977, as sucessivas Câmaras Municipais de Lagos não cumpriram as disposições legais a que a legislação do SAAL as obrigava, nomeadamente:

apoios técnicos e administrativos à Associação; legalização dos terrenos e das habitações; execução, ou limitação a mínimos em vários casos não regulamentares, das infraestruturas urbanas do bairro; exigência de projectos e responsabilidade técnica para as obras executadas de ampliação das habitações, nem cumprimento dos projectos evolutivos que haviam aprovado; regulamentar fis-



*O Bairro SAAL 25 de Abril, na Meia-Praia*



*O Bairro SAAL 25 de Abril, na Meia-Praia, em Lagos (Novembro de 2020)*

calização camarária dessas obras particulares; que a Associação e os associados têm o direito legal e democrático à reclamação do cumprimento destas obrigações pela Câmara Municipal e pelo Governo; que a Associação e os associados têm manifestado interesse em par-

ticipar na reabilitação urbana do bairro, com correcção de tudo o que não tenha condições de recuperação; e que a Associação e os associados têm exprimido, de forma inequívoca, insistente e pública, a vontade de ver respeitados os seus direitos de permanecer nas habita-

## Grande Reportagem

# Caso único em Portugal:

## O Bairro SAAL 25 de Abril, na Meia-Praia, em Lagos



© Mário M. Silva

*O Bairro SAAL 25 de Abril, na Meia-Praia, em Lagos (Novembro de 2020)*

ções construídas legalmente e com o seu esforço; que o PUMP, elaborado e aprovado pela Câmara Municipal, embora executado por equipa contratada pela empresa Palmares proprietária do vizinho campo de golf e empreendimento imobiliário, se baseou, quanto à Associação e à vontade dos moradores, no relatório da ponderação da discussão pública, que falsamente conclui que era vontade expressa dos moradores serem realojados noutra local; que a Associação e o seu bairro continuam a ser peça de estudo e análise, em metodologia urbanística, arquitectónica e de participação social. É assim que sobre a história da Associação prosseguem os seminários, exposições e conferências nos mais conceituados centros de investigação no País e no estrangeiro, assim como tem sido objecto de filmes e reportagens filmadas e motivo de entrevistas, publicações, teses e doutoramento [...].

Resta a pergunta: qual é *mesmo* a razão para que o Bairro SAAL 25 de Abril,



© Mário M. Silva

*O Bairro SAAL 25 de Abril, na Meia-Praia, em Lagos (Novembro de 2020)*

na Meia-Praia, em Lagos seja caso único em Portugal?

O filme «Continuar a Viver ou os Índios da Meia-Praia, de 1975, está disponível nesta ligação:

[https://youtu.be/qE0NIsQTs\\_k](https://youtu.be/qE0NIsQTs_k)

A reportagem da SIC «Perdidos e Achados» na Meia-Praia, de 2012, pode

ser visto nesta ligação:

<https://youtu.be/krTE4n25-88>

A reportagem da RTP, de Julho de 2018, sobre o Bairro SAAL 25 de Abril, da Meia-Praia pode ser vista aqui:

<https://www.rtp.pt/play/p4231/e355259/linha-da-frente>

**Carlos Mesquita**

# Caso único em Portugal:

## O Bairro SAAL 25 de Abril, na Meia-Praia, em Lagos



**Inicialmente agendada para Novembro de 2020 e agora prevista para vir a realizar-se entre 21 de Maio e 21 de Novembro de 2021, devido à COVID 19, a 17ª Exposição Internacional de Arquitectura, de Veneza, é reconhecida como o mais prestigiado evento europeu e mundial nesta área.**

**Para a 17ª edição desta Bienal, Hashim Sarkis, o Curador-geral da Bienal de Veneza de Arquitectura propõe-nos a seguinte questão: «Como é que vamos viver juntos»? (How will we live together?).**

**José Veloso, natural de Lagos, um dos participantes portugueses neste evento de 2021, pelo processo de edificação do Bairro SAAL da Meia-Praia, arquitecto e cidadão que ao longo da sua vida sempre lutou por uma sociedade mais justa e digna, bem como o designer e artista plástico José Santa Bárbara (ligado afectiva e laboralmente a Lagos, seu amigo e companheiro de longa data), partilha com os nossos leitores o texto que irá constar do catálogo da Bienal, para «Memória Futura».**

O bairro dos «índios da Meia Praia» espelha como a Revolução de 25 de Abril de 1974 abriu as portas para a arquitectura portuguesa poder realizar em pleno a sua função social, nomeadamente face a populações praticando o direito de cidadania, negado pelo regime fascista e acabado de conquistar.

No II Governo Provisório, foi criada a Secretaria de Estado da Habitação, entregue ao arquitecto Nuno Portas, estudioso do planeamento urbano com a participação democrática da população. Nessa base, instituiu logo em Julho de 1974 o Serviço de Apoio Ambulatório Local, SAAL, com o intuito de eliminar os «clandestinos» bairros de barracas que, por todo o País, eram improvisados por populações marginalizadas a que o fascismo não permitia condições de habitação.

Lagos, pequena cidade marítima de menos de 20.00 habitantes, tinha na malha urbana o «bairro da lata» com cerca de 100 famílias e na Meia Praia viviam 41 famílias de pescadores que, havia quase meio século, fugindo da fome no outro extremo do Algarve, tinham ali encontrado meios de subsistência no mar

e condições infra-humanas de refúgio em palhotas de colmo apanhado nas dunas, razão da alcunha de «índios da Meia Praia». Em 1974, alojavam-se em barracas de paus e delgadas placas de aglomerado, com que haviam conseguido substituir as palhotas, de que subsistia uma, de um velho solitário.

Como os índios da Meia Praia eram ignorados pela vida e entidades administrativas da cidade de Lagos e tolerados pelas autoridades policiais que haviam começado por proibir e destruir melhorias nas palhotas, para eles o Estado era a cobrança de impostos.

Assim, a Revolução de 25 de Abril tinha-lhes ficado distante. Só chegou através da função social da arquitectura, sob a forma do SAAL, que foi pausa e vitória no conflito de sempre.

Então os índios da Meia Praia adoptaram, com energia e dignidade, a proposta de libertação contida na Revolução de 25 de Abril e no âmbito do SAAL organizaram-se na Associação de Moradores 25 de Abril. A arquitectura assumiu a sua responsabilidade social e a heróica epopeia de construção do bairro tornou-se num íco-

Na Bienal de Arquitectura de Veneza

# Caso único em Portugal:

## O Bairro SAAL 25 de Abril, na Meia-Praia, em Lagos



*Maquete que fará parte da exposição do projecto na Bienal de Veneza de 2021*



*Maquete que fará parte da exposição do projecto na Bienal de Veneza*

ne e atingiu dimensão nacional e internacional, onde tem sido objecto de estudos académicos, debates, exposições, reportagens na imprensa e nas TVs SIC e RTP e mereceu o filme de Cunha Telles musicado e cantado por José Afonso, «Continuar a Viver ou Os Índios da Meia Praia».

Concluído o bairro, os índios da Meia Praia tinham começado a conhecer e praticar o direito de cidadania, que até então desconheciam. A ocupação das casas foi festa da cidade, confirmando a nova condição adquirida de cidadãos e munícipes de pleno direito.

E em 1997, Dulce Pontes cantou a canção de José Afonso «os índios da Meia Praia» na grande sala da Assembleia Geral da ONU, em Nova Iorque.

Em contraciclo com este percurso social dos índios da Meia Praia, desde 1976 que a Câmara Municipal de Lagos deformou o seu papel no poder democrático e, não cumprindo as determinações legais, passou à ilegalidade no bairro. Tomou partido de classe no conflito criado pela aliança que fez com interesses estranhos ao bairro, com a qual fabricou em 2007 o Plano de Urbanização da Meia Praia, PUMP, cobertura técnica e jurídica para o continuado não cumprimento da legislação no bairro. E assim prossegue, a coberto daquele artifício. Argumenta que o bairro será tratado numa inexistente revisão do PUMP que, por lei, devia ter tido início há dois anos. Entretanto, mantêm ali um escusado conflito moral e legal.

**José Veloso**



Visite **ALJEZUR**, visite a Costa Vicentina !  
Usufua e cuide!



CM-ALJEZUR.PT



# NATAL EM LAGOS

1 DEZ. - 6 JAN.

PARA MAIS INFORMAÇÕES: [cm-lagos.pt](http://cm-lagos.pt)



# 10 de Outubro de 1826:

## a tentativa Realista de sublevação militar em Lagos



**Vista parcial de Lagos (Igreja de Santo António e Meia-Praia em primeiro plano. Serra de Monchique, ao fundo)**

O Século XIX em Portugal constituiu um dos períodos mais intensos e agitados da sua História. O país sofreu as devastadoras invasões francesas dos Generais Junot, Soult e Massena e, seguidamente, conheceu um período de forte ingerência britânica na vida nacional. O primeiro grande momento de mal-estar que se evidenciou no cenário político-social da época foi a malograda Conspiração de 1817, onde se evidenciou a figura do General Gomes Freire de Andrade. Três anos depois, em Agosto de 1820, na Cidade do Porto, um pronunciamento militar instaurou no nosso país a primeira experiência liberal. O Liberalismo defendia o princípio da separação de poderes (legislativo, executivo e judicial) e uma lei fundamental, a Constituição. Pela primeira vez, o Rei deixava de ser a figura central no cenário político-social nacional. O ano de 1822 foi o ano da primeira Constituição, mas foi, igualmente, o ano que marcou o início

do fim dessa experiência liberal portuguesa, com a Independência do território além-mar mais importante do Império Português, o Brasil. E os acontecimentos sucederam-se a um ritmo rápido, pois no ano seguinte, em Maio de 1823, ocorreu o golpe da *Vilafrancada*, onde o Infante D. Miguel (Rei a partir de 1828) e os apoiantes da autoridade e legitimismo régios triunfaram. Aliás, D. Miguel, já no comando do Exército, tentou depois ir mais além, com a *Abrilada* de 1824, que acabou por conduzi-lo ao exílio.

Em 1826, o homem que esteve à frente dos destinos de Portugal durante estes conturbados anos faleceu. Não estava destinado a subir ao Trono, mas foi, sucessivamente, Príncipe-Regente (1799), Rei de Portugal, do Brasil e Algarves (1815) e Rei de Portugal (1816). Referimo-nos à importante figura de D. João VI, que viveu entre 1765 e esse ano de 1826. Dele foi-nos transmitida a imagem de um homem fraco, reservado e

hesitante. No entanto, a análise da sua personalidade e da sua acção colocam-nos perante outras realidades.

D. João VI foi um monarca e um homem de espírito benévolo, apaziguador e compassivo. Exibiu um forte sentido de dever, mostrando-se atento às realidades que conheceu e demonstrando atitudes de prudência e de conciliação. Nas difíceis situações que teve pela frente, D. João VI desejou as soluções de equilíbrio e adoptou uma postura de neutralidade e de resistência até ao limite perante as ameaças das grandes potências. Com o apoio da Inglaterra, pôs em prática o antigo plano (com origens na *Restauração* do Século XVII) de deslocação da Família Real e da Corte para o Brasil, o que permitiu a sobrevivência do Reino, da Monarquia Portuguesa e da Dinastia de Bragança, contrariamente ao que aconteceu com outros reinos europeus do tempo e para fúria de Napoleão Bonaparte. O Rei tomou medidas impor-

# 10 de Outubro de 1826:

## a tentativa Realista de sublevação militar em Lagos



**Infante D. Miguel (Colecção do Autor)**

tantes que desenvolveram o Brasil e adaptou-se às novas realidades políticas do Liberalismo de 1820 e, depois, da Contra-Revolução de 1823. D. João VI, com os temores e hesitações que possa ter sofrido, justificados num dos momentos mais perigosos, ao nível de conjuntura internacional, que Portugal alguma

vez teve que enfrentar na sua História, continuou a mostrar o seu carácter moderador e equilibrado que lhe valeram o cognome de *Clemente* e que evidenciam que a sua personalidade e a sua acção devem merecer uma nova atenção e respeito.

Com D. João VI desapareceu, tam-

bém, a moderação. Progressiva e rapidamente, Portugal rumou à sua 1.<sup>a</sup> Guerra Civil (1832-1834). As posições foram-se extremando. Os apoiantes e defensores do Rei, do seu poder absoluto, do Trono e do Altar congregaram-se em torno da figura popular do Infante D. Miguel (que será o Rei D. Miguel I). Por sua vez, as elites liberais centraram os seus esforços na defesa da realeza de D. Pedro IV e, depois, da sua filha D. Maria (a futura Rainha D. Maria II). Tudo terminaria depois de uma guerra civil de dois anos e com a vitória do Liberalismo. Porém, importa referir que os anos seguintes a 1834, não foram pacíficos.

Todo este ambiente social e político, caracterizado por estas tensões culturais e ideológicas, alastrou-se a todo o território nacional. Os sucessivos acontecimentos foram vividos intensamente um pouco por todo o lado, nas cidades, nas vilas e nas aldeias. E também o Algarve não ficou imune às dissensões entre os absolutistas de D. Miguel e os liberais de D. Pedro e D. Maria. Da mesma forma, Lagos e o Barlavento Algarvio não ficaram de fora de alguns dos acontecimentos que marcaram estes anos.

Regressemos ao ano de 1826. Em Lagos, estava aquartelado o Regimento de Infantaria N.º 2, que se distinguira nas campanhas contra as tropas napoleónicas. No dia 9 de Outubro, espalhou-se o rumor do levantamento dos Regimentos de Infantaria N.º 14 e de Cavalaria N.º 4, que teriam proclamado D. Miguel como Rei Absoluto e a Rainha-mãe, D. Carlota Joaquina como Regente do Reino.

No dia seguinte, perante a notícia da entrada de Infantaria 14 em Faro e a saída de Artilharia 2 para Almodôvar, procuraram alguns revoltar Infantaria 2 de Lagos. A manobra, porém, não teve sucesso, devido à acção do comandante, dos oficiais e de alguns civis.

O principal instigador, miguelista, da rebelião, Francisco Emídio foi preso e foi,

# 10 de Outubro de 1826:

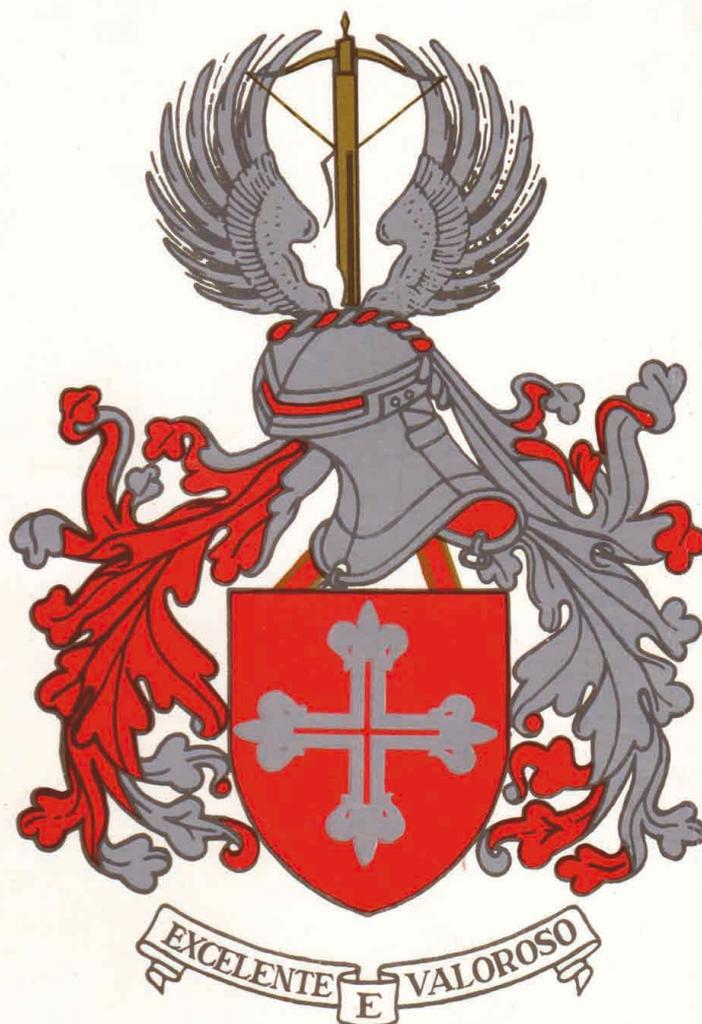
## a tentativa Realista de sublevação militar em Lagos

entretanto solto no dia 11, quando o regimento saiu para Odemira. No dia 16 de Outubro, chegou a Lagos uma proclamação defendendo a realeza de D. Pedro IV (datada de dia 13) e partiram as Milícias da cidade para se reunirem às tropas de Infantaria 2.

Perante as notícias da aparente revolta das tropas de Infantaria 2, as autoridades reagiram. No dia 15 de Outubro, partiu de Lisboa a Fragata da Marinha *Pérola*, de 44 peças, dotada de excelentes qualidades náuticas e que fora construída no Pará (Brasil) em 1797. Comandada pelo Capitão-de-mar-e-guerra graduado Joaquim José da Cunha, encontrava-se guarnecida por 370 homens e tinha como missão proteger Lagos das eventuais desordens provocadas pelos militares sublevados. Durante a viagem apanhou mau tempo, tendo avistado o Cabo de São Vicente no dia 18. Depois de ter sabido, através de pescadores, que havia sossego em terra, o navio de guerra deu fundo na baía de Lagos, na noite de dia 24.

O comandante da *Pérola* informou o Governador da Praça de Lagos da presença do navio para proteger os habitantes da cidade. Joaquim José da Cunha soube, então, que os Regimentos que se tinham revoltado tinham sido o 14 de Infantaria e o 4 de Caçadores. Por sua vez, Infantaria 2 (Lagos), a Artilharia e as Milícias continuavam fiéis ao governo, às ordens do General Conde de Alva. Os revoltosos acabaram por, no dia 20, passar para Ayamonte (Espanha), com o apoio do Governador de Vila Real de Santo António, que tomara o seu partido. Perante esse quadro, a fragata prestou serviço entre Lagos e Faro. Depois de receber ordem de regresso no dia 25, chegou, finalmente, a Lisboa no dia 11 de Novembro, dando fundo a oeste da Torre de Belém.

O Conde de Alva entrou em Lagos no dia 27 de Outubro, tendo sido jurada a



### REGIMENTO DE INFANTARIA DE ABRANTES

*Brasão de Armas do Regimento de Infantaria de Abrantes (Colecção do Autor)*

Carta Constitucional (documento outorgado pelo Rei, ao invés da Constituição, elaborada pelas Cortes) de D. Pedro IV pelas tropas que guarneciam a cidade. Por essa ocasião, ocorreram festejos.

Entretanto, nos dias 24, 25 e 27 de Novembro, vários apoiantes do Infante D. Miguel e da causa absolutista foram pre-

sos. O mesmo aconteceu no dia 6 de Dezembro, com a detenção de dois oficiais acusados de miguelistas.

Os acontecimentos sucederam-se com uma rapidez impressionante. Fruto do compromisso assumido pelo Infante, no dia 8 de Dezembro, a Câmara de Lagos e o Governador da Praça receberam

## Lacobrigenses

# 10 de Outubro de 1826:

## a tentativa Realista de sublevação militar em Lagos

ordens para festejarem com salvas de artilharia e iluminações o casamento de D. Miguel com D. Maria, ao longo de 3 dias. No dia seguinte, um grupo de elementos das três Ordens, Clero, Nobreza e Povo percorreu as ruas de Lagos anunciando o casamento real e começando os festejos que terminaram no dia 11, com uma cerimónia religiosa solene.

No dia 14 de Dezembro, ocorreram grandes festejos na Guarda Principal da cidade. Ali estiveram as esposas dos oficiais aí detidos, acreditando estar estabelecida a paz devido ao casamento de D. Miguel com a sobrinha. Contudo, as pessoas que foram passar o dia com os prisioneiros foram revistadas e incomodadas pelo oficial da Guarda, que foi reprimido, por esse motivo, três dias depois, pelo Governador da Praça de Lagos.

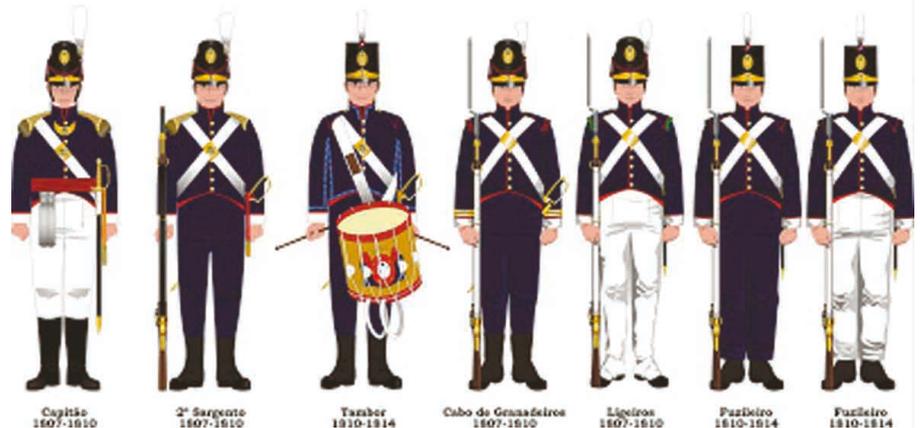
E assim terminaram os principais acontecimentos sociais e políticos que agitaram a vida de Lagos nesse longínquo ano de 1826, quando se procurou levantar o Regimento de Infantaria N.º 2 a favor do Infante D. Miguel e da causa realista.

Importa referir que o Regimento de Infantaria N.º 2 foi uma das mais prestigiadas unidades do Exército Português. Com origens em 1706, foi conhecido como *Regimento de Lagos* (Século XVIII), *Regimento de Infantaria N.º 2* e *Regimento de Granadeiros da Rainha* (Século XIX e XX) e como *Regimento de Infantaria de Abrantes* (21 de Março de 1975).

A divisa regimental era “Excelente e Valoroso” (a partir das palavras do General inglês Sir John Hamilton, pelo seu desempenho notável em combate contra as tropas napoleónicas na defesa da passagem de Tormes, em Novembro de 1812).

Distinguiu-se em várias acções de guerra, expedições, combates, batalhas em Portugal, na Espanha, na França, em

Regimento de Infantaria 2 Lagos/Faro 1807-1814



*Infogravura de Sérgio Veludo Coelho, (Regimento de Infantaria 2 Lagos 1807 - 1814), publicada no blogue «Lagos Militar», da autoria de João Torres Centeno*

Moçambique, na Flandres e nas antigas Províncias Ultramarinas Portuguesas, entre 1961 e 1975. Neste último caso, foram dezenas os Batalhões e Companhias de Caçadores, Pelotões de Morteiros, Pelotões de Canhões Sem Recuo, Secções de Cães de Guerra e Pelotões de Manutenção de Material formados por este regimento, que prestaram serviço em Angola, na Guiné, em Moçambique, em São Tomé e Príncipe, em Cabo Verde e em Timor. O comportamento distinto das suas tropas nas mais variadas situações de combate e de serviço granjeou-lhe as mais altas condecorações que cobriram a unidade e os seus militares do maior prestígio. Infelizmente, a briosa história e as honrosas tradições

deste *Valoroso* Regimento de Infantaria não foram suficientes para impedir a sua infeliz extinção no ano de 2006. Honramos aqui os seus cerca de três séculos de uma História que prestigiou o nosso País e a nossa Cidade de Lagos, bem como o sangue e as vidas de todos aqueles que se bateram à sombra do seu glorioso Estandarte, aquém e além-mar.

*Este texto é dedicado: à saudosa memória de meu pai, à do meu saudoso amigo Coronel António Ferrand d'Almeida, ao meu amigo Coronel Luís David e Silva e ao Coronel Jorge Silvério (Comandante do Regimento de Infantaria de Abrantes em 1992).*

**Artur Vieira de Jesus**

Licenciado em História

### Bibliografia:

- ESPARTEIRO, António Marques, “Três Séculos no Mar (1640-1910) – III Parte/Fragatas/3.º Volume”, Coleção Estudos, N.º 12, Lisboa, Instituto Hidrográfico, 1979.
- JESUS, Artur Vieira de, “Vila do Bispo – Lugar de Encontros”, Volume I, Vila do Bispo, Câmara Municipal de Vila do Bispo, 2013.
- JESUS, Artur Vieira de, “Vila do Bispo – Lugar de Encontros”, Volume II, Vila do Bispo, Câmara Municipal de Vila do Bispo, 2017.
- “Regimento de Infantaria de Abrantes – Resenha Histórica”, s.l., s.d.
- ROCHA, Manuel João Paulo, “Monografia de Lagos”, Faro, Algarve em Foco Editora, 1991.

# Rua da Barroca



É uma das mais interessantes ruas de Lagos, esta a da Barroca.

Nela, passeando e passando nos nossos dias, quase que custa a crer que até meados/finais dos anos 50 do século XX, o mar vinha até aqui e que do que então restava da muralha (o muro, visível à direita, nas fotografias) se pescava para a Ribeira de Bensafrim, bem perto dos barcos de pesca acostados junto ao antigo mercado de vegetais e peixe (sensivelmente onde hoje se localiza o edifício dos CTT, na Rua Porta de Portugal).

Curiosamente, esta artéria integrava as duas freguesias urbanas de Lagos: a de Santa Maria e a de São Sebastião. Uma placa colocada sensivelmente a meio da rua assinalava o começo e o término de cada uma das freguesias. Curiosamente, tal divisão administrativa e territorial também se verificava na Travessa da Estrema e na Rua da Estrema, sendo que nesta os moradores em número de porta ímpar «pertenciam» a Santa Maria e os de porta par faziam parte da freguesia de São Sebastião.

Começamos a nossa viagem vindos



da Rua da Senhora da Graça (para mais informação sobre esta rua, ver a edição de Novembro de 2020 da Nova Costa de Oiro). No topo desta rua, foi instalado em finais dos anos 60/início dos 70 do século XX, um dos restaurantes de Lagos com uma das vista mais espectaculares da nossa cidade. Da esplanada localizada no último piso, via-se a linha de costa, ao longo da Meia-Praia, Alvor e a Praia da Rocha, a bela Baía de Lagos. Recor-

da-se, igualmente, a qualidade da comida e do atendimento. Também não se esquece, neste local, uma noite de breve mas muito agradável convívio com John Young Stewart, mais conhecido por Jackie Stewart (então já com algumas dificuldades de audição), tricampeão mundial de Fórmula 1.

Andamos alguns metros até chegarmos ao edifício do Instituto de Socorros a Náufragos, que foi construído no sécu-

## Conhecer e visitar

## Rua da Barroca



lo XIX. Recorremos à edição de Fevereiro de 1996 da Nova Costa de Oiro, para recordarmos uma proposta da Associação Lacobrigense de Desportos Náuticos (nunca concretizada) para ser aqui implementado um núcleo museológico da memória náutica local, única na cidade, «de que o grande público, lacobrigense e visitante fruirá». Desconhecemos a utilidade e fim que este edifício tem no presente, mas temos a certeza que dele não

desfruta o grande público lacobrigense e visitante. E, também, que a Cidade dita dos Descobrimentos ainda não dispõe de nenhum equipamento deste tipo.

Pouco adiante, encontramos as escadas que hoje dão acesso ao parque de estacionamento subterrâneo da Avenida dos Descobrimentos. Recordamos que antes deste e também do que aqui existia (antes da construção do actual), adossadas à antiga muralha, havia vári-

os armazéns de madeira, de apoio às pescas. Acima de tudo, o que mais se recorda daqui, é o cheiro intenso a peixe, a «pexum», como se diz em algarvio.

Chegamos ao Arribalé, que até há alguns anos era pertença do Zé António Arez e da Luísa. Sentamo-nos ao balcão e pedimos uma imperial Sagres, servida em copo reservado para amigo de longa data, nunca lavado com detergente. Que imperial, mais «gulosa»... Era desse poiso, que em dias de Inverno, a suetada lá fora, que víamos o Zé a fazer miniaturas, modelos de várias embarcações de pesca (doadas ao Museu local). E as comidas... Que grandes petiscos se desfrutaram nesta casa, com tantos amigos, em longas tertúlias nesses dias invernosos.

Uma última palavra para recordar três irmãos que aqui viviam, de alcunha os «Ranhuços». Eram estes quem fazia a travessia em barco a remos dos passageiros deste lado da Avenida para a Meia-Praia (claro, excepto nos dias em que durante a maré vazia e com o assoreamento do rio, obrigava a passar a pé para a outra margem).



The illustration depicts a festive scene through a window. A central green Christmas tree is decorated with yellow and white ornaments and a green dollar sign. A hand from the left places another dollar sign on the tree. To the right, a gift box is being opened, revealing a tractor. In the foreground, a tractor is visible on a path. The background shows a night sky with stars and snowflakes. The Sanipina logo and text are on the left, and the website and location are at the bottom.

**Sanipina**  
AGRICULTURA E JARDINAGEM  
AGRICULTURE AND GARDENING

Um parceiro de confiança.

*Boas Festas*  
2021

[www.sanipina.com](http://www.sanipina.com)  
LAGOA • LAGOS • ODIÁXERE



The advertisement features the logo for 'fisiolabor' on the left, which consists of a blue water drop with green and yellow curved lines around it. To the right, the name 'Dr<sup>a</sup> Luisa R. Marques' is written in a cursive font. Below the name, the words 'ANALISES CLÍNICAS' are written in large, bold, red capital letters. The operating hours are listed as 'Horário::Segunda a Sexta::8h00 às 13h00::14h30 às 19h00'. The address 'Rua Brigadeiro Costa Franco (AMEJEIRA) Lote 2, Loja2' and phone/fax numbers 'Telef. 282 782 817 Fax 282 782 816 LAGOS' are provided in blue. A second address 'Rua Conselheiro Joaquim Machado, nº 35 Telef. 282 761 242 Lagos' is listed in red at the bottom.

**Dr<sup>a</sup> Luisa R. Marques**

**ANALISES CLÍNICAS**

Horário::Segunda a Sexta::8h00 às 13h00::14h30 às 19h00

**Rua Brigadeiro Costa Franco (AMEJEIRA) Lote 2, Loja2**  
**Telef. 282 782 817 Fax 282 782 816 LAGOS**

**Rua Conselheiro Joaquim Machado, nº 35 Telef. 282 761 242 Lagos**



The advertisement is for 'MIMOSA PROPERTIES' and features a large orange key graphic. The handle of the key contains a house icon with a keyhole. The text 'PRETENDE VENDER OU ARRENDAR O SEU IMÓVEL?' is on the left, and 'MIMOSA PROPERTIES' is on the right. The services listed are 'VENDA COMPRA ARRENDAMENTO MANUTENÇÃO LIMPEZA'. The contact information '282 087 152 www.mimosaproperties.com' is at the bottom left. A small 'AMIS140' logo is in the bottom right corner.

PRETENDE  
VENDER OU ARRENDAR  
O SEU IMÓVEL?

282 087 152  
[www.mimosaproperties.com](http://www.mimosaproperties.com)

**MIMOSA** PROPERTIES

VENDA  
COMPRA  
ARRENDAMENTO  
MANUTENÇÃO  
LIMPEZA

AMIS140



Cuidamos de si como família.

## 82 anos de existência - "A cuidar de si como família"

### ESPECIALIDADES

Clinica Geral	Medicina Dentária
Dermatologia	Neurologia
Cirurgia Geral	Oftalmologia
Ginecologia/Obstetricia	Cardiologia
Fisiatria	Ortopedia
Neurocirurgia	Medicina Interna
Gastroenterologia	Urologia
Psiquiatria	Podologia
Psicologia Clínica	Pediatria
Cirurgia Pediátrica	Endocrinologia
Alergologia/Pneumologia	Osteopatia
Otorrinolaringologia	Fisioterapia
Nutricionista/Dietista	Terapia da Fala
Enfermagem	Análises Clínicas
Aparelhos Auditivos	Domicílios



PLANO DE APOIO AO ASSOCIADO ENTREGA AO DOMICILIO DE PRODUTOS FARMACÊUTICOS.

Para mais informações, consulte

WEB - <https://alacobrigense.pt/> \* Facebook - a lacobrigense-associação de socorros mútuos  
Telf - 282 764 826 (horas de expediente)

R. Prof. Joaquim Alberto Taquelim,  
Lote 8, Loja E • 8600-762 Lagos

R. Dr. José Francisco de Matos Nunes  
da Silva, Lt 5, Lj A • 8600-774 Lagos

Telf: +351 282 762 901

Telf: +351 282 770 050

### ACORDOS e PARCERIAS

### Para mais informações, consulte os nossos serviços

- ADSE
- Imagiologia
- Multicare
- Sad/PSP
- Liga Combatentes
- ARS Algarve
- RedeMut
- SAMS/Quadros
- ADE-Serviços Odontológicos
- Advance Care/Wells

# Números

Contabilidade & Gestão, Lda

Rua D. Diogo de Sousa, Lote 21 – C/V Esq<sup>a</sup> 8600-571  
LAGOS

Telef. 282770190 Fax 282770199

e-mail: [nnumeroscontabilidade@gmail.com](mailto:nnumeroscontabilidade@gmail.com)

Contabilidade, Geral e Analítica | Gestão de Imobilizado | Estudos Económicos |  
Salários e Gestão de Pessoal | Consultoria Fiscal |  
Apoio à elaboração de Declarações Fiscais Pessoais - IRS

# Intermarché

CONHEÇA OS NOSSOS PRODUTOS DE LIMPEZA  
DE ORIGEM BIOLÓGICA E VEGETAL

siga-nos [www.intermarche.pt](http://www.intermarche.pt)

[/intermarche.lagos](https://www.facebook.com/intermarche.lagos)

[/intermarche\\_lagos](https://www.instagram.com/intermarche_lagos)



MAIS DE  
**40**  
REFERÊNCIAS

# Memórias de Natal

No meio das mais variadas tipologias de Património Cultural existentes, existe uma que está fortemente ameaçada pela voracidade dos tempos, pelas novas formas vivenciais que se enraizaram na nossa sociedade e, sobretudo, pelo grande desinteresse a que, de uma forma geral, tem sido votada. Referimo-nos ao Património Cultural Humano, ou Imaterial.

Evidentemente, é importante identificar, recuperar, valorizar e divulgar o Património Edificado. Contudo, não basta que a intervenção se resuma à parte física e palpável dos monumentos. Há todo um contexto imaterial que deu vida, que fez a história dos edifícios. Importa conhecer os actores sociais, políticos, culturais que levaram à sua construção, os contextos, as Pessoas que aí viveram. Saber quem foram, de onde vieram, o que fizeram, as suas formas de estar e de ser na vida e no mundo do seu tempo são aspectos de capital importância.

Falamos da Identidade Cultural dos nossos Povos, de Norte a Sul, desse vasto interior, outrora cheio de vida e que muito deu ao país e que agora se encontra envelhecido, despovoado, solitário e mais triste. Referimo-nos às Memórias dos bairros das nossas cidades, das ruas das nossas vilas, das nossas aldeias, dos montes agrários que tanto animaram as nossas paisagens. Pouco, ou nada, deles resta a não ser as Memórias dos mais idosos que os conheceram, que neles viveram, ou trabalharam.

A quadra natalícia evoca tudo isto, pois as vivências do Natal no nosso país e mesmo no nosso Algarve nada tiveram com o materialismo consumista que se assumiu na nossa sociedade e que a



esvaziou da sua verdadeira alma. Tradições como o *Pão por Deus*, ou o *Bolinho*, *Bolinho*, típicas da época de *Todos-os-Santos*, estão quase esquecidas, ou negligenciadas, em favor de práticas consumistas externas e totalmente estranhas à Cultura Popular Portuguesa, como é o caso do *Halloween*.

Aqui bem perto, por exemplo, na Salema (Budens, Vila do Bispo), o Natal era vivido de forma animada. Tinha lugar um baile (que ia pela madrugada dentro) e quando se chegava a casa, as mães, as avós e outras mulheres estavam a fazer fritos, filhoses e pastéis de batata-doce. No momento, matava-se um galo, pro-

positadamente engordado para a ocasião e fazia-se uma cabidela. Presentes eram raros. Em Budens, celebrava-se a *Missã do Galo*, na igreja paroquial.

Não existia *Pai Natal* nessas vivências da quadra no nosso Algarve. O protagonista era (e deve ser) Aquele que é a razão de ser do Natal (e da Páscoa): Cristo, Redentor da Humanidade. O *Menino Jesus*, *Deus Menino*, *Deus feito Homem*, era a figura central. E bem central foi no cenário do Presépio Algarvio, feito de um pequeno escadório, coberto de panejamentos brancos e de rendas. O *Deus Menino* presidia, ao alto, a todo esse cenário e, ao longo das escadas e mesa

25 de Dezembro

# Memórias de Natal



onde estava assente, como que num verdadeiro altar, eram colocadas espigas (as *Searinhas*), amêndoas, alfarrobas e laranjas, por exemplo.

Quanto à *Árvore de Natal*, foi introduzida no nosso país pelo nosso Rei D. Fernando II (1816-1885), casado com a Rainha D. Maria II, filha de D. Pedro IV. Graças às notáveis qualidades artísticas de D. Fernando sabemos como se celebrou o Natal no Paço Real das Necessidades, em Lisboa. Ali, o Rei, de origem

germânica, introduziu a tradição de se fazer uma árvore comemorativa do Natal, em casa. A árvore era um pinheiro trazido do Parque da Pena (Sintra), que era decorado com velas, frutos e figuras de animais. D. Fernando costumava vestir-se a rigor para distribuir os brinquedos pelos filhos, em momentos de alegre convívio. Este monarca, um extraordinário artista, mecenas das artes e acérrimo defensor do Património Cultural Português, foi, ainda, o responsável pelo

primeiro cartão de boas festas conhecido em Portugal.

Como podemos constatar em todo o nosso texto, destaca-se aqui um valor fulcral enquanto fundador, mantenedor e transmissor de Cultura: a Família. Na nossa valiosa, inegável e incomparável herança cultural judaico-cristã, o Natal ocorre no seio de uma Família especial, com a figura mais importante, Cristo, o seu pai José e a sua mãe Maria. Como Rei e Redentor, Jesus Cristo, recebeu, então, a homenagem e a adoração de todos quantos se foram encontrar com Ele, como aconteceu com os pastores e os reis do oriente. Ao longo dos séculos, na preservação e transmissão desses valores elevados do Amor, da Paz, da Redenção, da Eternidade e da Esperança, que irradiaram a partir do Menino nascido em Belém, as Famílias nos campos, nas póvoas piscatórias, nas aldeias, nas vilas e nas cidades, desempenharam um papel fundamental.

A defesa do nosso Património Cultural começa dentro das nossas casas, preservando o legado dos nossos familiares mais veneráveis pela sua idade e experiência de vida. São eles os guardiões de um manancial de experiências, de saberes, de formas de ser e de estar e de conhecimentos únicos, que não encontraremos em mais lado algum, ainda que percorramos as bibliotecas mais vastas e completas do mundo.

Saibamos, pois, honrar e dignificar este Património Cultural, pessoal, familiar, íntimo e espiritual e que Cristo, a Estrela de Belém, ilumine neste Natal os corações dos homens, dando-lhes a força, a paz, o amor, o conforto e a sabedoria para viver e buscar propósitos mais altos, além deste nosso pobre mundo materialista. Vivamos as nossas vidas. Aproveitemos bem o nosso Tempo.

Um Santo e Feliz Natal a todos os leitores.

**Artur Vieira de Jesus,**  
**Licenciado em História**



**ESTAMOS AQUI PARA SI**

**CONTINUAMOS ABERTOS  
PARA CONSULTAS E TRATAMENTOS**

**HORÁRIO: DURANTE A SEMANA DAS 9h00 ÀS 19h00  
SÁBADOS DAS 9h00 ÀS 13h00**

**FERIADOS DAS 09h00 ÀS 13h00  
DOMINGOS E NOITES – MÉDICO E ENFERMEIRA DE CHAMADA**

**SEMPRE QUE POSSÍVEL CONTACTE 282 780 700 OU 919 869 700  
ANTES DE SE DIRIGIR À CLÍNICA**

**Devido à pandemia, os serviços da Medilagos foram  
temporariamente transferidos para a Luzdoc**

**[www.luzdoc.com](http://www.luzdoc.com)**



## ANA CUSTÓDIO

**Doula \* Conselheira em aleitamento materno**

Se desejas fazer as melhores escolhas para o teu bebé, para ti e para toda a família, imagina que encontras a informação fidedigna que tanto precisas, a clareza do que é melhor para vocês e o apoio respeitoso que mereces para te sentires uma mãe mais confiante e tranquila.

**ONLINE \* PRESENCIAL**

ANACUSTODIO.PT \* whatsapp +351 962467868



# Pelo Natal? Lula, galo e porco



A gastronomia algarvia, a comumente chamada «cozinha tradicional» desta região que é a mais meridional de Portugal continental, assenta não só na especificidade dos bens alimentares disponíveis no seu território, como pela utilização que o seu povo, a sua gente faz dos mesmos, como mistura especiarias e usa seculares «segredos» de cozinha bem guardados. Como escolhe a sardinha para assar, como «alima» os carapaus, ou como seca a lula, o polvo ou o litão (a caneja). Ou como usa os figos, as amêndoas, os ovos e o açúcar, para fazer a sua doçaria.

Certo é que no nosso relativamente pequeno país, de região para região, as «tradições» gastronómicas mudam. O que é «tradicional» levar-se à mesa no Norte, não é o mesmo que no Algarve. Por exemplo, por ocasião do Natal, a Norte consome-se bacalhau e das «sobras» dessa refeição faz-se a «roupa velha», para a refeição do dia seguinte.

No Algarve até ao início/meado do século XX, não era habitual comer-se nem bacalhau, nem polvo pelo Natal, como acontece noutras paragens.

Importa ressaltar que os usos gastronómicos não são semelhantes por toda a região algarvia, que a especificidade dos produtos de cada zona desta região conduzem a «pratos» distintos. Por exemplo, a sotavento, o atum tem uma importância muito diferente na gastronomia do que a barlavento. Em Olhão, pelo Natal, o antigamente modesto litão ou caneja era o prato principal da mesa. Por outro lado, a «carteira», ou seja, as possibilidades económicas de cada agregado familiar também ditavam, ditam e regem as escolhas gastronómicas deste período festivo.

Pelo barlavento algarvio, segundo recordamos e nos relataram concidadãos menos jovens, não havia bacalhau na mesa de Natal. Como pratos principais havia, sim, lulas cheias ou recheadas (que em Monchique eram «enriquecidas» com uns grãos de arroz), galo e porco.

Para os lados da serra, embora pouco distante do Algarve litoral, o galo, que não desconfiava que viria a ser o centro das atenções à mesa, começava a ser engordado uns meses antes, para depois ser guisado e acompanhado por batatas.

Antes do uso generalizado de equipamento de refrigeração, a carne de porco era preservada ou com sal, ou em banha. Era desta que vinham os «piques» de carne, consumidos nesta quadra. E, para «cortar» os excessos de gordura, nada como ter cenouras roxas ou desfrutar do sabor único do rábano...

Na mesa e para ir «picando», poderiam estar enchidos, da chouriça à morcela e presunto ou, ainda, toucinho finamente fatiado.

Os frutos secos, com destaque para o figo e as amêndoas, as nozes, os pinhões também não podiam faltar...

E, na doçaria algarvia, como esquecer as filhós, os sonhos, os queijos de figo e amêndoa, os pastéis de grão e os de batata doce? Como não recordar os Dom Rodrigo? Todos devidamente acompanhados por um ou mais «dedais» de medronho, bebida consumida pelos homens. Sim, pois as senhoras ficavam-se *apenas* por um ou por vários copinhos de anis...

Que seja de felicidade a vossa mesa de Natal, neste atípico ano de 2020.

**Epicuro**

De pequenino...

# 5 Mitos da amamentação



A amamentação está cheia de mitos que tantas vezes levam a recém mãe a duvidar da sua capacidade de alimentar o seu bebé e de ser suficiente.

Para uma amamentação de sucesso a confiança da mãe tem um papel super importante, daí que seja tão importante desmistificar estes mitos. Falo aqui de 5 dos mais comuns.

## 1º - Se o leite da mãe parece aguado, isso significa que é fraco.

Não existe leite fraco. O leite materno é 100% compatível com o bebé e tem tudo para satisfazer as suas necessidades até aos 6 meses. A sua cor, textura e consistência vão-se modificando consoante as necessidades específicas do bebé. A ideia de que o leite materno devia ser branco surgiu apenas da comparação infundada com o leite de vaca.

## 2º - É normal ter dor nas primeiras semanas porque os mamilos precisam ganhar calo.

A sensibilidade nos mamilos é frequente nos primeiros dias, Mas qualquer dor nos mamilos que ultrapasse o 4º ou

6º dia, não deve ser ignorada. Frequentemente, a causa desta dor é a pega incorrecta por parte do bebé. Deve ser observada e avaliada a mamada para identificar e corrigir a causa da dor.

## 3º - A mãe que amamenta não pode comer vários alimentos porque o bebé pode rejeitar / ficar com cólicas.

É importante que a dieta materna seja variada e equilibrada. Nenhum alimento saudável deve ser evitado, a não ser que a mãe identifique claramente que o seu bebé reagiu mal a determinado alimento potencialmente alergénico.

## 4º - O bebé que acorda várias vezes de noite é porque tem fome.

Para um bebé recém nascido acordar durante a noite é uma questão de sobrevivência. Estes despertares são essenciais não só para o bebé mamar como também para manter a produção de leite da mãe.

## 5º - Amamentar depois dos 12 meses já não é benéfico.

A OMS recomenda a amamentação em conjunto com a alimentação complementar até pelo menos os 2 anos.

O sistema imunológico do bebé demora entre dois e seis anos para se completar., daí os factores protectores do leite materno continuarem a ser uma mais valia.

O apoio emocional à mãe que amamenta é fundamental para o sucesso da amamentação.



Ana Custódio

Site: <https://anacustodio.pt>

Youtube: Ana Custódio

Instagram: Ana Custódio

e-mail: [ac@anacustodio.pt](mailto:ac@anacustodio.pt)

# O acampamento ilegal, o balão do Pablito Moral e o barão Pedrito Moreia



Em estado de pandemia e sob confinamento, o Burgo de Lagos não pára de surpreender, sempre à descoberta de novos fenómenos. O Verão de S. Martinho bem presente com o sol a raiar, e à noite as estrelas conjugam-se com a iluminação natalícia que veio cedo para iluminar os comerciantes a partir da hora de almoço e igualmente os residentes e turistas que não podem sair à rua.

Perante este cenário, eis que, de repente, algo surge no céu, para espanto das gentes. Alvitavam que seria um ovni (objecto voador não identificado) ou um ataque de tropas (pára-quedistas). Porém, era apenas um solitário num balão cor de rosa, que resolveu aterrar no Jardim desconstituído coberto pelo muralhado em recuperação há mais de três quinze dias.

O homem trazia qualquer coisa na mão: parecia uma metralhadora, mas tratava-se somente da bandeira do Burgo. Dirigiu-se de imediato a um espontâneo acampamento que se estendia até ao cais esquecido e à praia sem porta.

Diante de tanto alarido, foi marcada uma reunião de emergência do Fórum Municipal naquele local. O recém chega-

do do ar foi logo interpelar os governantes do Burgo. Era o antigo chefe de armas do Júlio dos Registos, o conhecido Pablito Moral.

O primeiro a abrir as hostilidades, foi Pedrito Moreia, do Partido dos Barões que, visivelmente danado, falou pelos cotovelos: — Isto é demasiado grave para ser verdade. É a avenida cheia de tendas, numa espécie de superfície comercial extraordinária, com vista para o mar, é ali atrás, na Praça do Descobridor Mor, desarmonizada pelo Júlio dos Registos e seus pares, onde se espojam os maltrapilhos sem regras. E agora, quando eu pensava que já tinha visto tudo, confronto-me com este gigantesco acampamento contrário à lei.

Pablito Moral antecipou-se a outras intervenções e disparou farpas: — Caríssimos concidadãos, digam-me lá onde andam as forças de insegurança? Porventura espalhadas pelas casas de pasto e afins, não?

Foi então que Hulk Pêra, de barba em riste, pôs ordem na mesa. Deu ordens ao protector civilizado e ao chefe da nova força de fiscalização (mesmo sem ter ainda agentes), para cercarem o acampa-

mento e mandarem levantar ferro.

Para mostrar também serviço, Paulo Doce D'Amêndoa, homem dos 7 ofícios, determinou testar todos os campistas para não agravar o estado do burgo e a inscrição na lista negra.

Por seu lado, numa tenda perfeitamente identificada, reuniam os Comendadores do Cantinho do Poder, depois de uma ausência prolongada desde Março do ano 2020. Romeu Pacote foi escolhido como porta voz para mediar com os representantes dos Partidos: Diálogo, Barões, da Utopia, Saudade, Canhoto, Animalesco e Agrupamento sem Futuro.

Quer um conselho? Não desperdice ocasião para conhecer o desfecho deste insólito acontecimento, a que se juntarão as festas que se adivinham, entrando em cena figuras de proa do Burgo.

Olho vivo para o próximo episódio de Janeiro de 2021.

**Comendador Joaquim Xaiota**

**Esta história é pura ficção.**

**Qualquer semelhança entre Personalidades e Lugares existentes no texto, e Personalidades e Lugares da vida real, não passam de pura coincidência.**

Ouvidos, para que vos quero

# A nossa música no SPOTIFY



## A nossa playlist de Dezembro de 2020 (pela Meia-Praia, no Natal e no Ano Novo)

A nossa escolha musical desta edição da Nova Costa de Oiro começa com a música de Zeca Afonso e o «Que faz falta»? Recordamos a música «Os Índios da Meia-Praia», criação deste compositor e intérprete da Liberdade, aqui interpretada por Júlio Pereira, pelo Quarteto Concordis e por Dulce Pontes.

A música de Natal chega-nos numa interpretação de «Natal dos Simples» (autoria de Zeca Afonso), na voz de Amália Rodrigues. Prosseguimos com Fernando Lopes Graça (17 de Dezembro de 1906 - 27 de Novembro de 1994), considerado um dos maiores compositores e musicólogos portugueses do século XX.

Dos Estados Unidos da América trazemos outras músicas de Natal, por reconhecidos compositores e intérpretes, de Irving Berlin, a Nat King Cole, de Tony Bennett a Bing Crosby...

«Vá, pensamento, sobre asas douradas, Vá, pouse sobre as encostas e as colinas», (do Nabuco de Verdi) leva-nos até ao tradicional Concerto de Ano Novo (o de 1 de Janeiro de 2020), pela Orquestra Filarmónica de Viena, que foi dirigida pelo maestro letão Andris Nelsons.

Desfrutai, seguindo esta ligação:

<https://open.spotify.com/playlist/3SBt57sAwcOKSY7YkBMlu?si=fM3WDABxSiOMN4YrniOkmqw>

- 01 – O Que Faz Falta – Zeca Sempre
- 02 – Os Índios da Meia-Praia – Júlio Pereira
- 03 – Os Índios da Meia-Praia – Quarteto Concordis
- 04 – Os Índios da Meia-Praia – Dulce Pontes
- 05 – Natal dos Simples – Amália Rodrigues
- 06 – Natal dos Simples – Náná Sousa Dias
- 07 – Os Pastores em Belém – Lopes Graça/Grupo Música Vocal Contemporânea
- 08 – Eu Hei-de Dar ao Menino – Grupo Música Vocal Contemporânea
- 09 – Pela Noite de Natal – Coral de Letras da Universidade do Porto
- 10 – Ó Meu Menino Jesus – Lopes Graça/Grupo Música Vocal Contemporânea
- 11 – White Christmas – Irving Berlin
- 12 – The Christmas Song – Nat King Cole
- 13 – I'll Be Home For Christmas – Frank Sinatra
- 14 – Winter Wonderland – Bing Crosby
- 15 – Have Yourself a Merry Little Christmas – Judy Garland
- 16 – The First Noel – Frank Sinatra
- 17 – O Christmas Tree – Tony Bennett
- 18 – White Christmas – Bing Crosby
- 19 – White Christmas – Elvis Presley
- 20 – Fairytale of New York – The Pogues + Kirsty MacColl
- 21 – Christmas Time is Here – Kenny Loggins
- 22 – Nabuco (Va Pensiero) – Verdi / Vienna State Opera Chorus
- 23 – Die Landstreicher (Abertura) – Wiener Philharmoniker
- 24 – Leichte Kavallerie (Abertura) – Wiener Philharmoniker
- 25 – Tritsch-Tratsch Polka – Johann Strauss II / Wiener Philharmoniker
- 26 – Im Fluge (Polka Schnell) – Josef Strauss / Wiener Philharmoniker
- 27 – Blumenfest (Polka) – Johann Strauss II / Wiener Philharmoniker
- 28 – Postillon Galop – Hans Lumbye / Wiener Philharmoniker
- 29 – An Der Schönen Blauen Donau – Johann Strauss II / Wiener Philharmoniker
- 30 – Radetzky-March – Johann Strauss I / Wiener Philharmoniker
- 31 – Mensagem de Ano Novo 2020 – Andris Nelsons / Wiener Philharmoniker

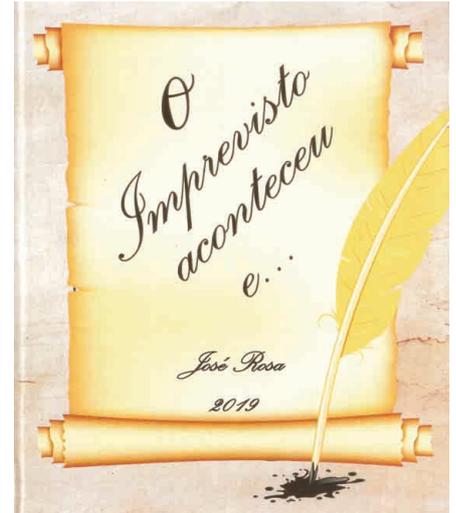
## O imprevisto aconteceu e...



**José Francisco Rosa**

A Nova Costa de Oiro tem o grato prazer e a honra de publicar em exclusivo algumas memórias de um lacobrigense de 96 anos, compiladas em trabalho de circulação restrita. Este é um revisitar de Lagos em décadas passadas, de traquinices e tropelias. Mas, e acima de tudo, é um importante registo histórico, que pode e deve servir para memória futura.

O seu autor é José Francisco Rosa, nascido em Lagos, a 21 de Fevereiro de 1924 e que completou os seus estudos em Lisboa, tendo ingressado no ensino aos 20 anos, como Mestre do Ensino Técnico Profissional.



# A máquina de projectar

...O imprevisto aconteceu... quando a vela de cera tombou, o rolo de filme se inflamou e...



Nos anos trinta, na cidade de Lagos, existia uma casa de espectáculos, o cinema do senhor Simões, onde eram exibidos filmes, muitos deles de aventuras com cow boys, cavalgando os seus cavalos e trocando tiros entre os bons e os maus da fita.

Estes filmes provocavam nos adolescentes uma enorme influência que, nas suas brincadeiras, procuravam imitar estes heróis.

Um deles, fascinado com esses filmes, sonhava possuir uma máquina de projectar como a que o seu amigo Palha possuía, ou como a que se via nos escoteiros na projecção de alguns filmes como distracção.

Mas, como as suas possibilidades não lhe permitiam comprar uma dessas máquinas, resolveu construir uma lanterna mágica de madeira, uma vez que como aluno na Escola Vitorino Damásio, no curso de Carpinteiro-Marceneiro, já se sentia apto a construí-la.

E assim fez... Construiu a caixinha, com uma abertura na parte da frente, onde se colocava a fita, de pernas para o ar. Adaptou-lhe um dispositivo que permitia deslocar para a frente e para trás, conforme se desejasse, a figura projectada maior ou menor, com uma lâmpada sem filamentos, quase cheia de água, que servia de lente.

Na parte de trás possuía uma porti-

nhola por onde se introduzia uma vela, porque a sua casa ainda não dispunha de luz eléctrica.

E a experiência foi feita no seu quarto, debaixo de uma cama de ferro bastante alta e que permitia que ele e a sua irmãzinha, deitados de bruços, vissem as fitas projectadas na parede caiada de branco e que servia de ecrã.

Só que era maçador estar a mudar de fita, constantemente.

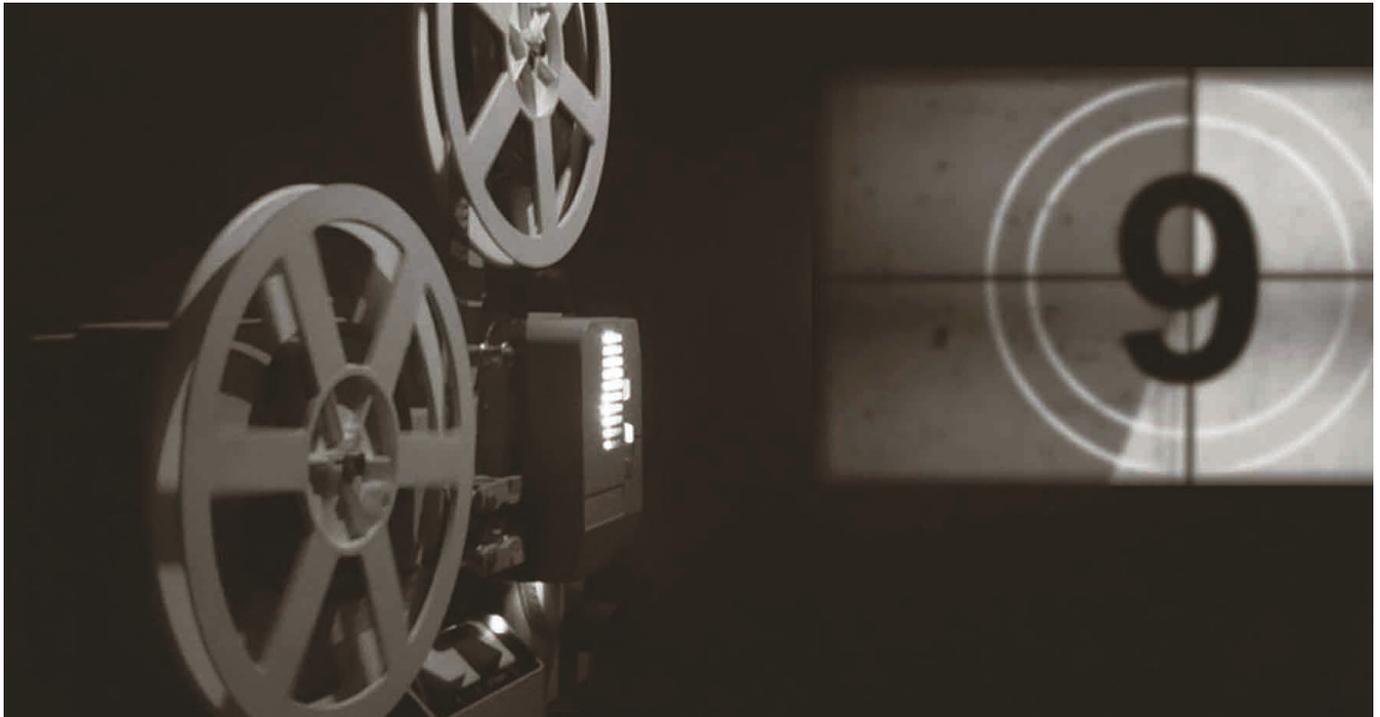
O seu maior desejo era ter uma máquina de projectar onde se conseguisse ver o filme em movimento, como ele via no cinema do senhor Simões, ou nos escoteiros.

Com alguns cobres que arranjou, en-

O imprevisto aconteceu e...

# A máquina de projectar

... O imprevisto aconteceu... quando a vela de cera tombou, o rolo de filme se inflamou e...



comendou pelo Correio, ao pequeno Cinema Chantecler (nos Restauradores, localizado perto do Cinema Éden), uns metros de fita, pois vendia filmes a retalho.

De cada rolo, ele cortava as fitas que vendia aos seus amigos e companheiros a \$20 (dois tostões ou vinte centavos) cada fita. Conseguiu, assim, juntar uma certa quantia, quantia essa que propôs ao seu amigo Palha, para que este lhe vendesse a sua máquina de projectar.

Este, renitente, não lhe queria vender a máquina, mas a proposta de 20 escudos (20\$00) [nota da redacção: aproximadamente 10 cêntimos, nos nossos dias], lá o convenceu, acabando por concretizar o negócio.

Radiante, levou a máquina para sua casa e o ritual foi o mesmo, ou quase, como com a caixa de madeira. Só que um rolo de 10 metros de filme foi colocado no respectivo lugar, tendo, no entanto, de adaptar uma vela no seu interior, visto não haver ainda electricidade na sua casa.

E, agora, começa o verdadeiro filme:

a máquina é instalada sobre o sobrado, debaixo da cama; sua irmã ao lado, deitada de bruços é a assistente e ele, como projeccionista, começa a movimentar a manivela. Dá uma, dá duas, dá três voltas e foi o bastante para o imprevisto acontecer e...

Com a trepidação do movimento da manivela e como a máquina não estava fixa, esta deslocou-se, a vela tombou para a frente (também por não estar bem fixa) e logo uma enorme labareda e fumo negro se formou debaixo da cama.

Sua irmã, espavorida, saiu correndo e a gritar pela mãe que se encontrava na sala, bordando.

Ele, com toda a calma, pegou na máquina, com o rolo de filme a arder. Saiu também e com os braços estendidos para a frente, para que a chama não o atingisse aguentou, mesmo com as mãos bem quentes e com o rosto afogueado até sua mãe aparecer à porta do quarto com um alguidar de barro cheio de água, para onde ele atirou a máquina.

Logo o fogo se apagou e, apesar do fumo e do mau cheiro que se fazia sentir, os três respiraram de alívio.

Sua irmãzinha chorava que se fartava, sua mãe barafustava, barafustava devido ao susto e inquietação que teve e ele, com as mãos quentes a escaldar (mas sem sofrer queimaduras) chorava por ter de se desfazer da máquina, que sua mãe exigia que a entregasse ao dono, pois não tinha conhecimento do negócio-

Ele assim fez. Limpou bem a máquina, levando-a ao seu amigo Palha, tendo novamente de o convencer (desta vez) a recebê-la, o que não foi nada fácil. Contrariado, lá concordou em devolver-lhe os vinte escudos.

Seu pai não teve conhecimento deste episódio pois, na altura, encontrava-se em comissão de serviço em Martilongo, patrulhando uma herdade.

PS: Palha é um nome fictício.

Memória do ano de 1938  
**José Francisco Rosa**

# Inter**mar**chê

H I P E R

## O SEU QUIOSQUE

Exponha os seus trabalhos, divulgue projetos e eventos na nossa galeria!



Artesanato • Doçaria Regional • Sustentabilidade  
Solidariedade • Educação

ALUGUER GRATUITO

Envie-nos o seu projeto para [marketing@intermarchelagos.com](mailto:marketing@intermarchelagos.com)